

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura do decreto que regulamenta a transferência de servidores e militares do estado de Rondônia para a União

Foram beneficiados os integrantes da carreira policial militar e servidores municipais do ex-território federal de Rondônia que se encontravam no exercício regular de suas funções quando da criação do estado, em 22 de dezembro de 1981; os servidores admitidos regularmente nos quadros do estado de Rondônia até a posse do primeiro governador eleito, em 15 de março de 1987; e os servidores e policiais militares alcançados pelos efeitos do art. 36 da Lei Complementar no 41, de 22 de dezembro de 1981, que criou o estado de Rondônia

Porto Velho-RO, 05 de julho de 2011

Senhores funcionários e funcionárias públicas, agora funcionários federais,

Funcionários do governo federal, eu tenho muita honra de estar aqui hoje com vocês, assinando este decreto.

Queria cumprimentar o nosso governador Confúcio Moura,

Cumprimentar a ministra-chefe da Secretaria das Comunicações [Secretaria de Comunicação Social], Helena Chagas,

O nosso vice-governador de Rondônia, Airtón Pedro Gurgacz,

Queria cumprimentar também o presidente da Assembleia Legislativa – e, ao cumprimentá-lo, cumprimento todos os parlamentares aqui presentes – deputado Valter Araújo Gonçalves,

Cumprimentar o desembargador Cássio Rodolfo Sbarzi Guedes, presidente do Tribunal de Justiça de Rondônia,

Cumprimentar os senadores Acir Gurgacz, senador Ivo Cassol, Valdir Raupp, senador... ex-senador Amir Lando,

Queria cumprimentar os deputados federais Lindomar Garçon, Marinha Raupp, Mauro Nazif, Moreira Mendes, Natan Donadon, Nilton Capixaba e Padre Ton,

Cumprimentar... dirigir, na verdade, um cumprimento todo especial à ex-senadora Fátima Cleide,

Ao prefeito de Porto Velho, senhor Roberto Eduardo Sobrinho, a quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

Cumprimentar também o presidente do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário, senhor Israel Santos Borges,

A senhora Claudir Mata Magalhães [de] Sales, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação,

O senhor Cícero Evangelista Moreira, membro da Comissão Intersindical,

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas aqui presentes – os senhores cinegrafistas, os senhores fotógrafos,

E, mais uma vez, dirigir um cumprimento para os trabalhadores e as trabalhadoras públicos, agora trabalhadores federais.

Eu estou aqui hoje para resgatar uma dívida histórica da União com o estado de Rondônia e com os trabalhadores e as trabalhadoras de Rondônia. É uma dívida que vem de longe, há trinta anos, de época em que Rondônia deixou de ser território e se transformou num estado. Eu falo aqui da passagem que foi assinada, que todos vocês sabem, que é a transposição e que é uma dívida que a União tinha para com vocês. E dívidas a gente tem sempre que pagar, principalmente dívidas históricas. E essa dívida é uma dívida reconhecida pelos parlamentares de Rondônia, que lutaram por ela, reconhecida pelo presidente Lula e que eu tenho a honra de transformar em decreto.

Essa dívida, ela tem mais significado ainda, porque nós vamos desonerar o orçamento do estado de Rondônia e, como disse o Governador, esses recursos serão aplicados em algo que é fundamental, num país como o Brasil, que é a formação das pessoas, dos brasileiros e das brasileiras, formação educacional e profissional. Não há melhor caminho, não há melhor instrumento contra a desigualdade do que a educação. Por isso, Governador, o senhor está de parabéns por destinar esses recursos para a formação dos rondonienses e das rondonienses.

Quando grandes conquistas são alcançadas, nós devemos fazer justiça àqueles que contribuíram para transformá-los em realidade. E aqui eu quero mencionar, em primeiro lugar, um companheiro que não está mais conosco, mas que está presente também na lembrança e no coração de cada um de nós, o deputado Eduardo Valverde. Como deputado federal e relator da emenda constitucional, ele é o primeiro a merecer de nós uma homenagem que sai do fundo da nossa alma e que dá a ele o reconhecimento póstumo.

Também faço uma saudação especial à deputada Marinha, Marinha Raupp. Mas eu queria concentrar também esta homenagem ao ex-senador Expedito Júnior e ao deputado Lindomar Garçon. O ex-senador Expedito, aqui presente, e o Deputado sempre estiveram empenhados na transposição, em transformar a transposição em um ato perfeitamente legal, assegurando direitos inalienáveis aos funcionários [servidores] agora federais aqui do estado de Rondônia.

Quero fazer justiça especial à senadora Fátima Cleide. Em 2003, foi a senadora Fátima Cleide quem deu entrada no projeto de Emenda Constitucional mais conhecido como PEC da transposição, transformada em Lei em outubro de 2009. E Fátima atuou intensamente para que fosse incluída em lei, em 2010, a garantia da regulamentação do preceito constitucional. Fátima Cleide, autora da proposta de Emenda Constitucional e firme, muito firme defensora dos trabalhadores e das trabalhadoras, dos servidores de Rondônia. Pôde contar com o apoio de seus colegas de bancada nessa missão.

A gente tem de, aqui, fazer um reconhecimento. Não só são reconhecidos pela sua iniciativa, mas nós devemos constatar como trabalharam bem por isso, como trabalharam com afinco e determinação, como dedicaram o melhor de si. Eu considero que este é um momento especial. Este é um momento especial porque eu tenho certeza de que, com esse passo, direitos serão reconhecidos, mas também um caminho se abre: quando o Governador apresenta essa alternativa de utilizar esses recursos e investi-los em Educação, em formação profissional, eu considero que Rondônia está também apontando no sentido da vanguarda que é necessária que o país assuma.

Nós temos uma oportunidade, nós temos uma grande oportunidade. O Brasil passa por um momento especial. No mundo inteiro, hoje, o Brasil é reconhecido como uma economia cada vez mais pujante e que se desenvolve. Mas somos reconhecidos, também, porque somos um dos países que mais reduziu a desigualdade nos últimos tempos. Se melhoramos de vida, todos nós, se o Brasil melhorou quando a gente olha tanto as desigualdades sociais como as regionais, isto não significa que conquistamos tudo o que queremos conquistar. Daí porque eu tenho insistido em que o nosso país só será um país do tamanho das suas possibilidades se nós apostarmos nos 190 milhões de brasileiros que integram a nossa nação.

A nossa riqueza, o nosso futuro e o que nós somos hoje, nós somos não porque somos um país rico em minerais, porque temos petróleo, temos uma agricultura sofisticada, uma agricultura que hoje é responsável por alimentar não só o Brasil, mas uma parte do mundo, temos uma indústria capaz. Aqui, por exemplo, somos um país com grandes reservas minerais, mas é, sobretudo... Por isso, mas não é só por isso somente, é pela sua gente, é pelo fato de o Brasil e dos brasileiros terem erguido a cabeça e percebido que nós conseguimos, que nós somos determinados, trabalhadores e empreendedores.

Por isso, eu considero esta cerimônia aqui muito importante. Primeiro, porque reconhece o direito das pessoas. E mais uma vez eu repito: porque o caminho mais célere para ser trilhado, que leve a um Brasil desenvolvido, é a educação.

Vamos, portanto, comemorar este dia como um dia especial em que lutadores conseguiram garantir direitos da população brasileira, dos seus servidores. E vamos comemorar também como o caminho que nós temos de percorrer para sermos, de fato, um país e um estado, Rondônia, um estado desenvolvido.

Eu e o Governador temos um acordo. O Governador faz a parte dele e a União fará a parte dela, transformando Rondônia num dos grandes estados da Federação.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do desvio do rio Madeira para a Usina Hidrelétrica Santo Antônio

Com a operação de desvio foi iniciado o processo de enchimento gradual do reservatório e, também, da construção da quarta casa de força

Porto Velho-RO, 05 de julho de 2011

Queria iniciar cumprimentando, aqui, todos... toda a população de Rondônia, esses brasileiros e essas brasileiras muito especiais, porque trabalham aqui para construir Rondônia, mas – eu estava comentando com o Governador – expressam um pouquinho de cada parte do Brasil. Então, a minha sensação de que aqui, de fato, nós falamos para Rondônia e para várias partes do Brasil, simultaneamente.

Queria cumprimentar o governador de Rondônia, Confúcio Moura, pelo seu discurso e também pela parceria que eu tenho certeza que nós vamos construir juntos para o desenvolvimento de Rondônia.

O ministro Edison Lobão, de Minas e Energia; a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social,

O senhor Airton Gurgacz, vice-governador de Rondônia,

Os senhores senadores Ivo Cassol e Acir Gurgacz e o senador Valdir Raupp,

Queria cumprimentar o prefeito de Porto Velho, Roberto Sobrinho,

O presidente da Santo Antônio Energia, Eduardo de Melo Pinto,

O senhor Marcelo Bahia Odebrecht, presidente da Odebrecht,

O senhor Flávio Machado Filho, vice-presidente da construtora Andrade Gutierrez,

O senhor Henrique Valadares, presidente da Odebrecht Energia,

O senhor Raimundo Soares da Costa, presidente do Sindicato da Construção Civil de Rondônia,

O senhor Flávio Decat, presidente de Furnas,

O senhor José da Costa Carvalho, presidente da Eletrobras,

Queria desejar um cumprimento especial aos dois jovens estudantes que me entregaram, produto do seu trabalho, lindos presentes: Ana Carolina e João

Paulo. Ao cumprimentá-los, eu cumprimento todos os alunos do projeto Acreditar Junior.

Agora, sobretudo, eu queria cumprimentar os trabalhadores e as trabalhadoras aqui da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio,

E também os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas.

Mas, eu queria dizer que eu concordo com o Lobão. De fato, eu considero que 10% de mulheres é bom, mas não é o suficiente, Lobão. Espero que nas próximas usinas, crescentemente, as trabalhadoras mulheres também ocupem as posições, que várias eu encontrei aqui ocupando: de soldadoras, passando por engenheiras, operadoras de máquinas de grande porte. Enfim, que as mulheres também estejam presentes ao lado dos homens na construção de uma obra deste tamanho.

Antes de mim, o presidente da Santo Antônio Energia disse que esta obra marcava um momento histórico. É verdade. Ela marca um momento histórico para o Brasil. E, neste momento histórico, eu quero dizer que eu gostaria muito que estivesse aqui presente um dos responsáveis por ele, que foi o presidente Lula. O presidente Lula, de fato, lutou diariamente para ver a volta dos investimentos em energia hidrelétrica no Brasil, para ver o aproveitamento do rio Madeira nas usinas de Santo Antônio e Jirau. Por isso ele merecia, sem sombra de dúvida, estar aqui, é uma ausência que eu tenho certeza de que todos nós guardamos no nosso coração e, nesse sentido, ele está também muito presente aqui.

Este é um momento histórico porque nós estamos vendo – e agora as águas começaram a ser bastante turbilhonadas ali – nós estamos vendo se concretizar um projeto da mais importante relevância para o país - eu chamaria de um projeto estratégico para o Brasil – que é a volta do investimento em usina hidrelétrica. Nós paramos de investir em usinas hidrelétricas de grande porte no Brasil, e recentemente retomamos.

Mas Santo Antônio e Jirau, especialmente Santo Antônio, por ser a primeira, Santo Antônio reflete justamente um momento no Brasil em que nós voltamos a pensar no nosso desenvolvimento e a ver que esse desenvolvimento não é um desenvolvimento qualquer. É um desenvolvimento que vai levar a crescimento econômico, o nosso Produto Interno Bruto vai crescer. Mas é um desenvolvimento que está baseado, também, na visão de que nós temos de gerar empregos no Brasil, que nós temos de ter no Brasil uma economia forte, e que esse processo só será um processo verdadeiramente grande, consistente, se ele incluir a população brasileira nos frutos desse processo.

Nós podemos dizer que no passado o Brasil cresceu, é verdade. Mas o Brasil cresceu de uma forma muito desigual. Muitas pessoas ficaram muito pobres e poucas pessoas ficaram muito ricas.

Nós queremos um desenvolvimento diferente, e foi esse desenvolvimento de que esse projeto, ele também é fruto. É um projeto em que nós temos o desenvolvimento gerando emprego e distribuindo renda.

O nosso país hoje é diferente do passado e é diferente também dos países parecidos com o nosso, como a China, a Índia, a Rússia, os chamados BRICS. Por que ele é diferente? Porque nós somos um dos países em que o crescimento veio acompanhado por uma melhoria significativa na distribuição de renda.

Para a gente ter uma ideia, os últimos dados da Fundação Getúlio Vargas mostram que o Brasil teve 39,5 milhões de pessoas chegando à classe média. Para a gente ter uma ideia, significa que de 2003 até maio de 2011 uma Argentina inteira, no Brasil, chegou à classe média, porque a Argentina tem 41 milhões de habitantes. Então, elevar 39,5 milhões é elevar quase uma Argentina, ou dois Chile e meio, mais ou menos.

Isso é muito importante, e Santo Antônio tem tudo a ver com isso, porque uma obra deste porte é uma obra que vai garantir energia para o nosso país continuar crescendo e incluindo as pessoas. Não é uma obra só feita de cimento – ela é feita de cimento, inclusive uma fábrica de cimento, a Votorantim, fornece cimento especificamente para esta obra –, nem só feita de aço. Ela é uma obra feita com o trabalho de homens e mulheres, o trabalho que... no caso de uma hidrelétrica dessas, é um trabalho que, ao mesmo tempo, exige esforço físico, mas também exige tecnologia. É um trabalho que fez com que 20 mil pessoas, aqui, conseguissem postos de trabalho.

Mas essas pessoas geraram oportunidade de trabalho para o Brasil inteiro, porque a energia que for gerada aqui vai circular em toda esta região e vai se trocar com a energia gerada no resto do Brasil. E assim o Brasil vai crescer e gerar empregos, assim o Brasil vai crescer e gerar oportunidades de cada um de nós termos uma condição especial, que é viver num país do tamanho das suas possibilidades, do tamanho dos seus sonhos, e não em um país que não se reconhecia como um grande país.

Aliás, esse fato desta usina mostra uma outra coisa que o ministro Lobão sublinhou, que é... nós somos um país diferente, nós não somos um país igual aos grandes países do mundo. Nós temos essa imensa capacidade de ter potenciais hidrelétricos como este aqui, de Santo Antônio, e, além disso, de sermos capazes – porque temos consciência – de utilizar esse potencial claramente em prol do meio ambiente também. Por que em prol do meio ambiente? Porque quando você não tem usina hidrelétrica, quando não se tem num país essa fonte de energia que é a hidrelétrica, o que é que se usa no lugar da hidrelétrica? Usa-se energia nuclear e energia térmica de óleo diesel ou de qualquer derivado de petróleo. Isso significa que você está poluindo, de uma forma inimaginável, a natureza ou colocando em risco a própria vida da sua população, quando você confia uma parte tão importante da sua geração – como 80% em alguns países, 60% em outros – a fontes nucleares.

Nós estamos gerando energia hidrelétrica diminuindo, não só nesta específica unidade, o impacto no meio ambiente, mas nós estamos diminuindo o impacto no meio ambiente no Brasil inteiro ao gerar aqui, aqui, energia hidrelétrica, porque nós não estamos usando energia térmica. Nenhum país, nenhum país do mundo, ele consegue fornecer energia sem ser ou de hidrelétricas, num sistema como o nosso, ou de usinas térmicas, a óleo... aliás, térmicas a petróleo ou térmicas de origem fóssil, como é caso da nuclear. Porque tanto a energia solar como a energia eólica são ainda energias complementares. Elas não garantem o desenvolvimento do país, a inclusão social e a sustentabilidade, elas não dão sustentação à produção energética, elas são complementares.

O Brasil quer ter uma matriz renovável, Santo Antônio vai se combinar com energias eólicas, vai permitir que entre mais energia eólica na nossa matriz e mais energia solar. Santo Antônio vai evitar que entre energia térmica. Santo Antônio é, de fato, um compromisso inequívoco com o meio ambiente no Brasil, e com o desenvolvimento sustentável. Daí porque nós temos de ter muito orgulho de ainda sermos um país que tem possibilidade de exploração da sua energia hidrelétrica.

A Europa, na sua grande maioria, esgotou a exploração de seus recursos hídricos, mais de 80% estão utilizados. Os Estados Unidos, da mesma forma. Nós ainda temos um grande potencial a explorar.

Por isso que temos de provar que sabemos fazê-lo, que sabemos explorar essa energia e ser responsáveis em relação ao meio ambiente. Por isso que é importante, tanto do ponto de vista do meio ambiente, tanto do ponto de vista social, essa ser uma energia e um empreendimento absolutamente exemplar, no que se refere à responsabilidade ambiental.

Eu queria dizer que, ao mesmo tempo, essa usina faz parte de uma visão de desenvolvimento regional equilibrado. É fato que Rondônia, como disse o Governador, tem esse imenso potencial. Rondônia tem riquezas minerais, Rondônia tem possibilidade de uma produção de grãos, Rondônia tem a pesca, Rondônia tem a madeira. Agora, é fundamental que Rondônia tenha energia firme e de qualidade, como é a Santo Antônio.

Santo Antônio é feita para todo o Brasil, mas, principalmente, é feita para usar aqui em Rondônia, para demonstrar que nós, de fato, podemos ter nesta parte do Brasil, neste grande interior que o Governador chamou, com muita justiça, de “coração do Brasil”, demonstrar que aqui nós podemos ser capazes de ter um desenvolvimento muito próprio desta região. Um desenvolvimento que, ao mesmo tempo que seja pródigo de geração de oportunidades para a sua gente, seja também um desenvolvimento de padrão a orgulhar os rondonienses. Por quê? Porque eu concordo com o Governador: não é só nas atividades primárias, é nas atividades primárias também; não é só na indústria, é na indústria também, e nem só nos serviços. Mas Rondônia tem de se dedicar a pensar, a usar todos os mecanismos que a educação permite, que a pesquisa permite, que o desenvolvimento do conhecimento permite, para explorar o seu potencial.

Por isso, Governador, tenha no governo federal um parceiro, tenha em mim uma parceira e tenha certeza, Governador, que nós também vamos olhar com olhos muito especiais para a questão social aqui em Rondônia. Eu tenho o compromisso de um programa que se chama Brasil sem Miséria. Por que eu tenho esse compromisso, e ele foi um compromisso forte na minha campanha? Porque eu não acredito que este país, com 190 milhões de pessoas, que tem todas essas riquezas que o Governador falou e eu falei, e muito mais, que nós não falamos: tem pré-sal, tem minério, tem Carajás, enfim, tem toda a indústria de São Paulo. Este país, ele só vai ter, de fato, todas essas riquezas reconhecidas por cada um dos brasileiros se os 190 milhões de brasileiros puderem usufruir dessa riqueza. Nós não podemos aceitar que este país continue com 16 milhões de pessoas, de acordo com o último censo do IBGE, vivendo abaixo da linha da pobreza. E quanto mais nós pudermos - e esse é o compromisso do governo federal - tirar essas pessoas da miséria, dando a elas ou Bolsa Família ou a aposentadoria a que têm direito, mas também criando oportunidades de trabalho, dando incentivo à agricultura familiar, permitindo que essas pessoas tenham acesso a uma formação profissional, tanto mais este país vai crescer.

Porque nós não podemos esquecer: sabem por que o Brasil hoje não vive a crise que vivia, cada vez que tinha um problema nas economias desenvolvidas do mundo? Porque nós temos um mercado interno de fazer inveja a muitos países. E esse mercado interno é a capacidade dos brasileiros e das brasileiras de criar trabalho, de criar renda, de criar emprego.

Nós somos um país diferente de outros países menores. Nós somos um país continental e com 190 milhões de riquezas. E são esses 190 milhões para os quais o meu governo destinará o desenvolvimento e para os quais esta usina, construída por trabalhadores e trabalhadoras brasileiras também destinam sua energia.

Muito obrigada a todos e um grande abraço.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção do projeto de lei que institui o Sistema Único de Assistência Social (Suas)

A sanção da nova lei vem para complementar a Lei Orgânica de Assistência Social (Loas) e para garantir a continuidade das ações que já vêm sendo realizadas, incluindo o enfrentamento da pobreza

Palácio do Planalto, 06 de julho de 2011

Senador José Sarney, presidente do Senado,

Deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Embaixador João Sagueiro, embaixador da República Portuguesa no Brasil,

Ministros e ministras de Estado. Eu, ao cumprimentar a Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, cumprimento todos os ministros e ministras aqui presentes.

Senhor Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Senhoras e senhores senadores, Ana Rita, Antonio Russo, Geovani Borges, João Pedro, José Pimentel, Lídice da Mata, Sérgio Souza, Valdir Raupp, Vanessa Grazziotin, Wilson Santiago,

Senhores e senhoras deputados federais, Antonio Brito, Celia Rocha, Cida Borghetti, Eduardo Barbosa, João Dado, Luci Choinacki, Marinha Raupp, Raimundo Matos, Raul Lima, Roberto Lucena,

Senhor Carlos Ferrari, representante do movimento da Assistência Social no Brasil,

Senhoras e senhores jornalistas, cinegrafistas, fotógrafos,

Senhoras e senhores,

A lei que eu acabei de sancionar cria, como vocês sabem, o Sistema Único de Assistência Social e torna hoje um dia histórico para todos que acreditamos que a assistência social é um dever do Estado.

Quero felicitar os parlamentares brasileiros por terem sabido ouvir as demandas dos mais diversos setores sociais em favor da consolidação de uma política nacional de assistência social.

A sanção deste projeto equivale ao coroamento de um processo construído na Constituinte de [19]88 e que avançou muito no primeiro mandato do presidente

Lula, em especial após a aprovação da Política Nacional de Assistência Social, em 2004.

Hoje se institucionaliza no nosso país a política de assistência social que, de uma certa forma, já tinha começado há muito tempo. Esta nova lei também reconhece e reafirma a parceria federativa na implementação da política de assistência social.

Em um país como o nosso, de dimensões continentais, muitas de nossas políticas sociais e muitas de nossas políticas em geral não teriam alcançado eficiência e efetividade sem a parceria com estados e municípios. A nova legislação reconhece isso e permite fazer ainda mais.

Dirijo-me agora às gestoras e aos gestores da Rede de Assistência Social. Sem a dedicação de vocês, jamais teríamos construído o nosso programa de renda com condicionalidades – o Bolsa Família – durante o governo do presidente Lula.

Com a Lei do Suas, poderemos valorizar o esforço cotidiano daqueles que se desdobram nas regiões mais carentes do Brasil, que realizam o acompanhamento de famílias e que ajudam todos aqueles que não sabem que têm direito ao acesso à proteção que lhes é devida pelo Estado.

O Brasil conta, a partir de agora, com uma legislação que está à altura do papel que a assistência social deve ter na transformação do nosso país. O Suas é uma garantia oficial de proteção à população extremamente pobre; é uma garantia de proteção à família, à maternidade, à infância, à juventude, à velhice, às pessoas com deficiência, a todos os brasileiros e brasileiras que se encontram em situação de vulnerabilidade ou risco.

Sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, nós vamos aprimorar ainda mais a estrutura pública de prestação de assistência social, vamos fortalecer a gestão compartilhada entre o governo federal, os estados e os municípios, e vamos fortalecer ainda mais a participação da sociedade civil, por meio de suas entidades e organizações sociais que funcionam como uma espécie de rede de proteção, prestando serviços nessa área.

A nova Lei do Suas chega num momento propício porque este sistema será determinante para vencermos o novo desafio que nos propusemos: a superação da extrema pobreza. Será determinante para o êxito pleno do Plano Brasil sem Miséria.

A estrutura brasileira de assistência social será a base para as ações de busca ativa e para o cadastramento das famílias ainda não incluídas no Cadastro Único. Será, também, responsável pelo acompanhamento familiar e pelo encaminhamento das demais ações do Brasil sem Miséria. Esta rede que nós aprovamos hoje, este sistema que nós aprovamos hoje, o Sistema Único de Assistência Social e o Brasil sem Miséria passam a ser, a partir de agora, um a imagem do outro, um gêmeo do outro.

A assistência social, tal como passa a existir no âmbito do Suas, é um instrumento extraordinário para alcançarmos nossa meta de superação da extrema pobreza. Conto com todos os gestores e gestoras, com todos os organismos da sociedade civil, conto com os governadores e prefeitos para fazermos do Brasil um país verdadeiramente desenvolvido, no qual todos os cidadãos, cada brasileiro, cada brasileira, compartilhem os benefícios de um país cada vez mais dinâmico, cada vez mais forte mas, sobretudo, cada vez mais igual.

Devemos todos ter muito orgulho de todos os passos que desenvolvemos até aqui. Devemos ter muito orgulho de tudo aquilo que realizamos até agora. Mas, sobretudo, devemos ter a consciência de que esses passos, esses desafios superados, essas realidades conquistadas, é que nos garantem que seremos capazes, sim, de resolver uma questão tão grave do nosso país, que é a redução da desigualdade e a superação da extrema miséria.

Conto com todos vocês e tenho certeza de que juntos chegaremos lá.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração do sistema de teleférico do Complexo do Alemão

O teleférico do Alemão facilita o deslocamento dos moradores em áreas de difícil acesso, como o alto do morro. Aproximadamente 70% da população do Complexo, que possui 85 mil habitantes, utilizará o novo meio de transporte. Com ele, a comunidade reduz para 15 minutos o trajeto desde o topo do morro até a sua entrada

Rio de Janeiro-RJ, 07 de julho de 2011

Eu queria, primeiro, falar aqui com o Sérgio, com o Pezão, que nós sabemos que aqui falta uma pessoa. Nós todos sabemos. Falta o Lula. E falta o Lula porque ele colocou, não foram só recursos necessários aqui, ele colocou também o carinho, o amor e, mais do que isso, o respeito e a esperança de que este país pode ser diferente. Então, a minha saudação ao presidente Lula, que não está aqui hoje.

Querida também reconhecer, aqui, um fato importantíssimo nesta obra, porque esta obra não é só concreto, cimento e aço. Esta obra é uma obra de mãos dadas, é uma obra de mãos dadas entre o governo do estado do Rio, a prefeitura do Rio e o governo federal.

Vocês vejam que uma obra deste tamanho, que nunca tinha sido feita no Brasil – que é um teleférico – que é uma obra de mobilidade urbana que faz parte de um conjunto de investimentos que nós fizemos aqui em várias áreas, esta obra, ela é fruto de uma parceria muito estreita. Uma parceria de interesses, uma parceria de interesses comuns e de um interesse muito claro: o interesse é o povo do Rio de Janeiro e o povo aqui do Alemão.

Então, eu vou saudar o Sérgio Cabral, nosso governador. Vou saudar o nosso vice-governador, o nosso querido Pezão, que comigo... ele era o pai do PAC e eu era a mãe do PAC, indicados pelo presidente Lula... Eu não... eu tenho impressão de que foi lá em Manguinhos. Não... Na Rocinha... Foi mesmo na Rocinha? Então, foi na Rocinha que fomos indicados. Então, saúdo também o meu companheiro Pezão e meu querido prefeito Eduardo Paes. Esta linha de frente contou com vários companheiros ajudando.

Eu vou cumprimentar os que aqui estão presentes.

Vou cumprimentar o nosso ministro da Defesa interino, que é o brigadeiro Saito. O brigadeiro Saito aqui representa as Forças Armadas Brasileiras, que tiveram um grande empenho na construção do ambiente de paz aqui no Alemão, e que estão tendo um comportamento irrepreensível na garantia da lei e da ordem que, como disse o Sérgio Cabral, tem tudo a ver com democracia e tem tudo a ver também com a construção de um ambiente de justiça social, que é o que nós estamos vivenciando aqui no Alemão.

Nós estamos vivenciando algo muito importante, porque o Brasil tinha um hábito de uma parte da população ser condenada ao máximo abandono, à máxima negligência e a não ter direito a nenhum dos principais serviços públicos. O que nós estamos fazendo aqui hoje é, sobretudo, fazer com que o Estado brasileiro assuma sua função de gastar recursos com aqueles que mais precisam, porque foram abandonados durante anos e anos.

Voltar aqui e investir no Alemão, construir este teleférico que, vocês podem ter certeza, o Brasil inteiro vai olhar com os olhos da boa inveja porque é uma obra, além de necessária, muito bonita. Uma obra, além de necessária, que mostra o imenso respeito pelos moradores do Complexo de Favelas do Alemão, o imenso respeito a eles como cidadãos. Eles terão o direito a ter acesso às melhores tecnologias de transporte de massa, respeitando as condições que ao longo dos anos, pelo abandono do Poder Público, foram criadas.

Então, hoje, nós comemoramos aqui esse respeito à cidadania dos moradores do Alemão. Comemoramos também o fato de que aqui nós voltamos a investir no direito sagrado das famílias de ter um lar, porque aqui também nós construímos, no Minha Casa, Minha Vida ou através do PAC, nós construímos moradias para a população do Complexo do Alemão.

Eu cumprimento, por isso, o nosso querido ministro das Cidades, Mário Negromonte. Ele representa, justamente, esta parceria que nós fizemos aqui no Alemão com o governo do Sérgio Cabral, através do nosso querido vice-governador Pezão, o Hudson e o Ícaro.

O Hudson e o Ícaro sempre foram pessoas que tiveram um imenso empenho em transformar em realidade algo que a gente olhava e falava: "Nós vamos ter de erguer aquilo". É uma obra... uma coisa é estar no papel, outra coisa é chegar até aqui. O Pezão disse uma coisa muito certa. É muito difícil você construir. Uma coisa é quando está pronta, outra coisa é quando começa. Eu estive aqui várias vezes, visitei várias vezes com o Sérgio, o Pezão, o Ícaro e o Hudson. Eu visitei em momentos em que aqui era um conjunto de estruturas, que você não acreditava que virasse uma coisa tão bonita como virou.

Além disso, aqui tem todo um cuidado. Vocês podem olhar que tem um cuidado, um carinho especial com a população, porque não é uma obra que foi entregue sem cuidado com a beleza dela. É um cartão de visitas que honra a população do Alemão, porque esta população merecia que esta beleza fosse colocada à sua disposição.

Eu cumprimento também o nosso general José Elito, chefe do Gabinete de Segurança Institucional, que representa, justamente, a parte do governo federal, junto com o Ministério da Defesa e as Forças Armadas, na contribuição para construir um ambiente de harmonia e paz no Alemão.

Nós devemos, sim, apoiar as forças de segurança do Estado, aqui representadas pelo secretário Beltrame, no sentido de construir aqui um

ambiente que não mais dialoga com a violência, que não mais deixa crianças e jovens à mercê da violência e, muitas vezes, das drogas.

Cumprimento também a nossa ministra das Comunicações [da Comunicação Social], Helena Chagas,

Os deputados federais, os deputados estaduais,

Queria cumprimentar todos os secretários de governo, ao cumprimentar o Hudson,

Queria cumprimentar também o MV Bill, coordenador-geral da Central Única de Favelas,

Queria cumprimentar também os representantes das comunidades do Complexo do Alemão. Eu não vou dizer todos, não vou chamar a todos, mas vou cumprimentar através da Nilcéia Rocha da Conceição, da Comunidade do Adeus.

Queria dizer a vocês, principalmente aos jornalistas que estão aqui hoje, que o teleférico do Alemão, ele é um símbolo do PAC. É um símbolo do Programa de Aceleração do Crescimento no que este programa tem de mais importante para o Brasil, que é o fato de que nós não voltamos só a investir na infraestrutura das rodovias, das ferrovias e das hidrelétricas, o que é muito importante. O que o governo vem fazendo desde a época do presidente Lula, e que eu vou cada vez mais aprofundar, é este investimento nas pessoas. Nós não fazemos obras por causa dos materiais. Nós fazemos obras para beneficiar a vida diária de cada um. E aqui nós temos isso.

Muitas pessoas aqui, hoje, pessoas anônimas tiveram suas vidas modificadas. Me contaram uma história e me deram o nome da pessoa, e eu acho isso muito importante porque é simbólico do que uma obra destas representa. E ela representa isso: mudar de vida.

É a história da dona Ronisete Augusto. Ela, a Ronisete... Rosinete? Rosinete Augusto! A dona Rosinete Augusto - é você, não é? - está aqui, e ela mora aqui nesta região, aqui na Baiana, aqui na Estação da Baiana, e ela avista da casa dela a Estação da Baiana. Ela teve uma trajetória aqui muito interessante - pelo que me relataram, e agora eu tenho o imenso prazer aqui de estar perto dela - que é o fato de que durante muito tempo ela queria sair daqui, porque aqui não tinha condições para ela criar os dois filhos dela, o Tiago e a Maria Clara. O Tiago está ali e a Maria Clara está lá... A de rosinha? Oi, Maria Clara! O Tiago e a Maria Clara... Ela não conseguia ter, aqui, condições de se orgulhar da sua comunidade.

Hoje, eu tenho certeza de que a Rosinete vai se orgulhar da comunidade dela. Ela tem condições de se orgulhar da comunidade dela, ela não precisa mais andar, sob sol ou chuva, carregando sacolas lá de baixo até aqui em cima. Ela tem condições que, para cada uma das pessoas, é a condição normal de vida: o direito de ir e vir. E é isso que foi construído com este teleférico.

Eu queria dizer que histórias como esta e o acesso que ela tem... porque aqui nestas estações tem biblioteca, aqui nestas estações vai ter acesso a serviços públicos, que não tinha. Eu vou dar um exemplo: hoje vocês viram que o INSS inaugurou aqui um posto de atendimento. Este posto de atendimento do INSS, ele ia ser pequeno, ia ser um posto pequeno. Mas o governo do estado e a prefeitura nos deram aqui dentro um espaço maior. Então, nós vamos prestar aqui todos os serviços que nós prestamos em qualquer posto do INSS. Primeiro, aposentadoria: quem tiver direito à aposentadoria, vai aposentar aqui neste posto do INSS, em meia hora; auxílio-maternidade: a mãe vai poder pegar aqui, também, o auxílio-maternidade com a maior rapidez, também em menos de meia hora. Todos os serviços vão ser prestados aqui. Outro serviço que nós inauguramos aqui é o de Correios, não só para a tradicional carta que todo mundo pode querer mandar ou receber da família, mas também para pagamentos, recebimento de contas e acesso ao Banco Postal que, junto com outros bancos que já estão operando aqui, como o Bradesco, vai poder garantir o acesso – sem você ter de percorrer toda a extensão – a serviços aqui dentro do Posto. Tudo isso significa uma coisa fundamental para todos nós. É que...

O que é, meu querido? (a Presidenta ouve alguém da plateia). Isso aí! Depois do Aristóteles, isso aqui é o verdadeiro milagre social! Esse é o nosso companheiro Aristóteles, e ele sinaliza quando a gente deve encerrar a conversa. Ele tem esse mérito!

E por isso eu quero encerrar dizendo: eu tenho... a gente, cada um de nós... todos vocês sabem, muitas vezes nós temos alguns orgulhos na vida. Eu tenho um forte orgulho, eu tenho orgulho de ter participado aqui, com o Cabral, com o Pezão, com o Ícaro, com o Hudson, com todo o pessoal da Caixa, com todos os companheiros do governo federal, do governo do estado, com o nosso querido prefeito Eduardo Paes, eu tenho imenso orgulho de ter participado aqui do Alemão, de um processo de resgate da população, dos brasileiros e brasileiras, dos cariocas que vivem aqui no Alemão.

Então, esta é a minha despedida de vocês. Um abraço!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega do Prêmio Anísio Teixeira, por ocasião do 60º aniversário da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

O Prêmio Anísio Teixeira foi entregue a pesquisadores e professores que contribuíram para o crescimento da educação e da ciência no Brasil

Palácio do Planalto, 11 de julho de 2011

Eu queria iniciar cumprimentando o ministro da Educação, Fernando Haddad e o presidente da Capes, o Jorge Guimarães, pelos 60 anos da Capes.

E cumprimentar também a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil,

O ministro da Ciência e Tecnologia, Aloisio Mercadante,

A ministra Ideli Salvatti, das Relações Institucionais,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: o Ariosto Holanda e o deputado Izalci,

Queria cumprimentar também a filha do pesquisador Anísio Teixeira aqui presente, a senhora Marta Maria Teixeira e, ao cumprimentá-la, saudar esse fantástico educador brasileiro que dá nome ao prêmio que hoje nós, aqui, estamos distribuindo. Muito obrigada pela presença da senhora.

Queria cumprimentar os nossos agraciados. São professores que se destacaram e que, por isso merecem o reconhecimento de todo o país. Eu fico muito orgulhosa de trazer este prêmio, porque eu acho que o futuro do Brasil depende de pesquisadores dessa qualidade.

Queria cumprimentar, então, o professor Álvaro Prata, o professor Fernando Galembeck, o professor João Fernando Gomes de Oliveira, o professor Luiz Bevilacqua, o professor Nelson Maculan Filho.

Queria cumprimentar os reitores e pró-reitores aqui presentes, todos representantes da comunidade acadêmica,

E as nossas professoras aqui presentes também,

Os familiares dos agraciados,

As senhoras e os senhores profissionais da imprensa,

Queria cumprimentar, também, alguns ministros meus que estão ausentes desta cerimônia, mas que, em vista de notícias que o governo não concorda com elas, merecem os meus cumprimentos. Eu queria cumprimentar os

ministros ausentes Mário Negromonte, Pedro Novaes, Ana de Hollanda, Orlando Silva, Moreira Franco e Afonso Florence.

E cumprimentar um ministro presente, de grande capacidade de execução e que demonstrou, ao longo do governo do presidente Lula, ao qual eu tive a honra de servir como ministra-chefe da Casa Civil, uma capacidade inequívoca de articular a política de Educação do nosso país.

E eu queria iniciar esta cerimônia dando os meus mais sinceros parabéns a todos os servidores, dirigentes, professores e todos os alunos que usufruíram das bolsas da Capes. E dizer que, ao longo desses 60 anos, a Capes foi um dos instrumentos que ajudaram o país a dar alguns passos – eu diria até muitos passos – para frente. E, sem sombra de dúvida, cada vez mais a Capes vai ser essencial para que esses passos continuem sendo dados de uma forma mais acelerada.

Sem sombra de dúvida, a valorização – nenhum de nós aqui presentes ignora que – a valorização da Educação é de extrema importância para o nosso país e para que ele aproveite todas as oportunidades que, sem dúvida, se abrem para nós. E a Capes, sem sombra de qualquer dúvida, tem contribuído para esse objetivo, em sua missão de expandir e consolidar a pós-graduação no Brasil e, principalmente – algo que eu acredito que o Fernando tenha absoluta razão – é uma mudança de paradigma, ao contribuir na formação de professores da educação básica, em especial para as escolas públicas brasileiras.

Eu fico muito orgulhosa por saber que eu herdei uma herança bendita no que se refere à Educação, uma herança bendita do governo do presidente Lula, herança essa que eu ajudei a construir, e por isso eu tenho muito orgulho dela. E eu sei que uma das questões mais importantes, uma convicção que eu tenho e que eu herdei também de um processo, que é o processo de construção de um programa de desenvolvimento para o Brasil, é que nós temos de formar jovens preparados para o desafio da sociedade do conhecimento.

Ao lado – vocês vejam como é que é o desafio complexo do Brasil – ao lado de um programa efetivo de distribuição de renda, de inclusão social e de combate à miséria, nós também temos de lutar por um processo sofisticado de Educação para os brasileiros e as brasileiras. Nós temos de dar conta de duas etapas, simultaneamente: uma, que é o resgate que muitas sociedades fizeram no século XX; e, ao mesmo tempo, todos os desafios do século XXI.

E, sem dúvida, a escola pública é algo fundamental nessa estratégia, e a valorização dela, a valorização da universidade pública integra esse processo da nossa herança bendita, Fernando. Por quê? Eu concordo integralmente com o grande dirigente da Capes, grande educador brasileiro, Anísio Teixeira, que disse: “Só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias”. Essa máquina é a da escola pública, porque essa máquina é a da democratização do acesso ao ensino livre, gratuito e estruturado deste país. Por isso eu recebi essa herança bendita: a valorização da Educação, da creche à pós-graduação.

Eu acrescento também que essa escola pública não é uma escola pública qualquer. É uma escola pública de qualidade; é uma escola pública em que nós teremos o grande desafio de fazer uma corrida contra o tempo, garantindo professores qualificados, valorizados, e, ao mesmo tempo, assegurando que os nossos alunos tenham acesso ao que há de mais moderno em matéria de ciência, de inovação, de aprendizado tecnológico, de conhecimento, de humanidades – necessariamente – e isso é algo que é um compromisso do meu governo, de aprofundar conquistas que o país teve ao longo de vários anos. Tanto como foi destacado a partir do movimento Constituinte do país, mas, também, de forma muito intensa e acelerada, nos últimos oito anos, a partir de 2003.

Nós, de fato, nesse período que vem da Constituinte, conseguimos progressivamente universalizar o ensino fundamental. Agora, nós, cada vez mais, trabalhamos para elevar e expandir a qualidade do ensino médio, da educação superior e da educação básica. Inclusive, o Brasil, hoje, enfrenta o desafio de tratar, de uma forma muito especial, uma lacuna que é a questão da educação infantil, tanto no que se refere às creches como à pré-escola.

Nós, recentemente, lançamos um programa que é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego. É um programa basicamente que dá ênfase à educação técnica da forma mais abrangente possível, fará da educação técnica uma complementação do ensino básico, para tornar o ensino básico, de fato, um momento na formação do jovem brasileiro e da jovem brasileira. E, ao mesmo tempo, dá conta também da necessidade de formação profissional no país. Isso tudo através tanto da ampliação das escolas técnicas federais quanto, também, de uma parceria com o Sesi, o Senac, no sentido de assegurar que estes órgãos assegurem uma ampliação das vagas para o ensino profissionalizante.

Eu tenho certeza de que o Pronatec, conforme elaborado pelo MEC, através da liderança do ministro Fernando, vai assegurar uma mudança de patamar na educação técnica do Brasil.

O presidente Lula tinha muito orgulho pelo fato de que, de 2003 a 2010, o seu governo tinha criado mais escolas técnicas do que nos últimos 100 anos. E nós, sem dúvida, iremos prosseguir nessa trajetória. Nós acreditamos que, nesses quatro anos, nós vamos conseguir que 52% da população brasileira tenha, em seu município, uma escola técnica. Esse programa, nós estamos prevendo para ser lançado até o final deste mês. E isso vai aumentar as oportunidades dos nossos jovens, de ter acesso a uma educação que os capacite para ajudar o Brasil a crescer, a se desenvolver.

Mas, eu queria também, aqui, na presença da Capes, dizer que uma grande missão será esse Programa Brasil sem Fronteira, através do qual nós pretendemos participar da corrida para o conhecimento, no que se refere a todos os países do mundo. Nós queremos que, através do mérito e incentivando o mérito, incentivando aqueles alunos com maior e melhor desempenho, nós possamos garantir que eles tenham acesso à formação acadêmica, à experiência, inclusive na área de... experiência, até através de

estágios profissionais, nós conseguimos, até 2014, formar 75 mil jovens, jovens adultos também, nas academias das melhores instituições internacionais. E temos também um desafio, que é sensibilizar o setor privado, para contribuir com mais 25 mil, totalizando, portanto, 100 mil bolsas.

Este também será um programa que está em estágio final. É liderado pela Capes, com uma grande participação do professor Jorge, mas, também, do CNPq, do Ministério da Ciência e Tecnologia, fazendo com que nós tenhamos uma política de formação acadêmica e universitária no exterior, que pode, e que certamente irá servir como construção de uma massa crítica de aprendizado, para que nós tenhamos um grande avanço nessa área, que é a área da ciência, da tecnologia e da inovação.

Eu queria assegurar também que nós, em todos os aspectos, vamos fomentar a produção do conhecimento, investindo não só nas universidades, nos institutos federais e tecnológicos, mas também nas atividades do Ministério da Ciência e Tecnologia. Esse casamento entre MEC e Ministério da Ciência e Tecnologia, ele é essencial para o Brasil crescer de forma sustentável, fazendo os dois processos: ampliando, através do caminho da democracia, como disse o grande professor Anísio Teixeira, esse instrumento de criação de democracia, que é a educação pública, e ao mesmo tempo esse grande instrumento de elevação social e econômica, que é a ciência, tecnologia e inovação.

Eu parablenizo cada um dos premiados por tudo isso: o professor Luiz Bevilacqua, o professor Fernando Galembeck, o professor Álvaro Prata, o professor Nelson Maculan e o professor João Fernando Gomes de Oliveira. Os senhores são, sem dúvida – e, aí, eu acabo por onde comecei – a expressão da excelência que devemos almejar para a Educação no Brasil, para construir um Brasil melhor, mais desenvolvido, mais justo, um país sem miséria e com muita capacidade de agregação de valor, de produção de ciência, de conhecimento e de liberação das consciências, utilizando esse instrumento fundamental, que é a cultura e a ciência.

Eu acredito que o caminho para que nós de fato construamos uma sociedade mais justa, ele passa pela Educação. Ele passa pela Educação e, de uma certa forma, ele é a Educação. Por uma Educação que permita que nós possamos gerar, cada vez mais, conhecimento e inovação no nosso país; por uma Educação de qualidade em que o aluno e o professor sejam o centro dela, e que eles sejam valorizados.

Muito obrigada!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2011-2012

Com o Plano, o governo federal disponibilizará R\$ 16 bilhões para as linhas de custeio, investimento e comercialização do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Do total, R\$ 7,7 bilhões serão destinados a operações de investimento e R\$ 8,3 bilhões para operações de custeio

Francisco Beltrão-PR, 12 de julho de 2011

Eu queria dar uma boa tarde a todos os agricultores familiares e a todas as agricultoras familiares aqui presentes. Dizer para vocês da minha honra e do meu orgulho, e da minha felicidade de estar aqui hoje, lançando o Plano Safra da Agricultura Familiar 2011-2012.

Queria também dirigir um cumprimento especial aos senhores prefeitos aqui do Paraná. Senhores prefeitos, que eu saiba, aqui comparecendo maciçamente, mais de 100 prefeitos. Agradeço a presença dos prefeitos e das prefeitas.

Queria cumprimentar, então, o nosso governador do Paraná, Beto Richa,

Os ministros Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário; Gleisi Hoffmann, aqui do Paraná, da Casa Civil; e o ministro da Agricultura, Wagner Rossi.

Queria cumprimentar o senador Sérgio Souza,

Cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais Assis do Couto, Celso Maldaner, Elvino Bohn Gass, Luci Choinacki, Nelson Padovani, Osmar Serraglio e Zeca Dirceu. Alguns são de fora do Paraná, mas são apoiadores da agricultura familiar.

Queria cumprimentar também, de forma especial, o prefeito de Francisco Beltrão, o Wilmar Reichembach. E quando cumprimento o Wilmar, eu dirijo, mais uma vez, meus cumprimentos aos prefeitos e às prefeitas aqui presentes.

Queria cumprimentar os deputados estaduais aqui do Paraná, Ademar Traiano, Augustinho Zucchi, Elton Welter, Enio Verri, Luciana Rafagnin, Belson Luersen e [do Rio Grande do Sul], Altemir Tortelli.

Queria cumprimentar o senhor José Paulo, presidente da União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e da Economia Solidária.

Queria cumprimentar também o senhor Valentino Rizzioli, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores,

Dirigir um cumprimento especial à Elisângela Araújo, coordenadora da Fetraf,

Queria dirigir também um cumprimento muito forte ao presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria [na Agricultura], da Contag, meu querido companheiro Alberto Broch,

Dirigir também um cumprimento especial ao Plínio Simas, representante aqui da Via Campesina,

Queridos agricultores familiares que aqui me cumprimentaram e que participaram do filme: Sadi Reidt e Inês Reidt, da comunidade Dois Irmãos, de São Miguel do Oeste, em Santa Catarina,

Josemar Amaral Souza e Janete Moreira Pinto, do Assentamento Fazenda Larga, de Planaltina, no Distrito Federal,

Queria cumprimentar cada uma das agricultoras e cada um dos agricultores aqui presentes,

Cumprimentar os jornalistas, as senhoras jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos,

Senhoras e senhores,

Eu estou aqui hoje em um momento especial, porque lançar o Plano Safra da Agricultura Familiar é um momento especial para uma presidenta da República. Porque o nosso país se caracteriza pelo fato de ser um grande produtor e um grande exportador de alimentos, mas se caracteriza também por ser um país que tem uma agricultura familiar que, a cada dia que passa, se expande mais e se transforma em uma verdadeira sustentação da qualidade da alimentação que vai para a mesa do nosso povo.

A agricultura familiar tem sido responsável por um feito extraordinário no nosso país. Esse feito foi a redução da desigualdade social no Brasil. A agricultura familiar cria um Brasil mais democrático, um Brasil que tem na base produtores familiares capazes de levar o aumento de renda e a melhoria produtiva para todo o nosso país.

Esse processo – eu queria reconhecer aqui, de público – tem no presidente Lula um grande defensor da agricultura familiar e desde 2003, quando pela primeira vez o Presidente assumiu o governo, nós viemos dando passos e mais passos em direção a uma política e a um plano de safra que, de fato, cada vez mais, contemple os interesses dos agricultores familiares. Nesse sentido, eu recebi do presidente Lula uma herança bendita, no que se refere a toda a política de desenvolvimento da agricultura familiar e da atividade agropecuária no Brasil.

O Brasil deve se orgulhar muito dos seus agricultores familiares, dos seus produtores e exportadores mundiais de alimentos, porque nós somos um país que tem obrigação de, por meio da agricultura familiar, transformar e levar milhões de brasileiros que ainda estão à margem da riqueza, levá-los a serem

consumidores, produtores e, sobretudo, acabar com a miséria extrema em nosso país.

Hoje é um dia em que o governo, e eu, como presidente, representando o governo, venho aqui reconhecer que vocês, agricultores familiares, são responsáveis por essa história de sucesso. Vocês, suas organizações representativas que aqui falaram, e vocês em toda a iniciativa de cooperativa que construíram ao longo dos anos.

E aqui eu quero destacar que é muito importante a agricultura familiar nesta parte do Brasil, na região Sul, porque ela é um exemplo, ela é um exemplo para o resto do país de como é possível, sim, ter na agricultura familiar uma produção que prime pela qualidade e que prime também pela capacidade de elevar a renda de todos aqueles que nela participam. O Brasil precisa de vocês, precisa do esforço de vocês.

Este Plano Safra é uma conquista importante. Ele garante crédito acessível. Pela primeira vez estabelece-se um programa de garantia de preços mínimos. Os juros, para investimento, nós reduzimos de forma significativa. Nós também contemplamos prazos maiores de pagamento e, ao mesmo tempo, estamos buscando cada vez mais reduzir a burocracia que atrapalha a vida do agricultor familiar.

Nós queremos dar continuidade a uma melhoria de vida cada vez maior do agricultor. O ministro (falha na gravação) falou aqui de vários aspectos. Eu queria sinalizar alguns. A primeira coisa que eu queria falar é sobre o fato de que o volume de crédito é de R\$ 16 bilhões. Nós estamos repetindo o mesmo valor, nesta safra de 2011-2012, da safra passada. Mas eu quero dizer que o governo assumiu com vocês, no Grito da Terra, que se houver necessidade de mais recursos, eles estarão disponíveis.

Nós queremos que cada vez mais agricultores tenham acesso a esse instrumento, porque o crédito é um instrumento de melhoria das condições de produção do agricultor familiar. Para isso e por isso, nós reduzimos os juros, para assegurar que ficasse cada vez mais fácil ao agricultor tomar o crédito. Para isso e por isso, aumentamos os prazos de pagamento. Para isso e por isso, aumentamos o limite de crédito por agricultor familiar.

Duas iniciativas eu acho que nós não podemos nos cansar de destacar. A primeira – eu assinei por ela, agora há pouco, um instrumento para garantir que seja eficaz – é a Política de Garantia de Preços Mínimos. Agora os agricultores familiares têm a sua Política de Garantia de Preços Mínimos, e o dinheiro para isso nós separamos.

Eu queria destacar uma outra questão que é importantíssima para a agricultura familiar, que é a garantia de uma demanda, a garantia de uma compra. Primeiro, com o Programa de Aquisição de Alimentos, que agora, em 2011, nós destinamos mais de R\$ 750 milhões. Depois, é algo que nós precisamos de uma parceria muito estreita com os prefeitos, que é o programa de compra de alimentos para a merenda escolar, e aí o governo federal destinou R\$ 1 bilhão.

Além disso, o programa de compras que o Ministério do Desenvolvimento Social criou com os supermercados, que garante uma compra específica para a agricultura familiar, especialmente para aquelas parcelas mais pobres dos agricultores familiares.

Com isso, o que nós queremos é organizar a demanda para a agricultura familiar, para que ela possa se desenvolver cada vez mais, e cada vez mais nós tenhamos uma renda digna na agricultura familiar.

Uma outra iniciativa – e aqui, governador Beto Richa, nós vamos precisar muito da parceria dos governadores e do senhor, em especial – que é o programa que nós chamamos... não é bem um programa, é um sistema que nós chamamos de Suasa, que é o Sistema Único de Atenção à Sanidade Animal [Agropecuária].

Nós queremos que a agricultura familiar agregue valor, se expanda, gere renda. Daí a importância da agroindústria familiar. E queremos que a agricultura familiar possa vender seus produtos para a maior parte das pessoas no Brasil, que ela atinja cada vez mais regiões e pessoas.

Por isso nós temos uma preocupação especial com a desburocratização desse sistema, que tem por objetivo garantir que haja uma qualidade, principalmente no que se refere à sanidade animal, uma qualidade dos nossos produtos. E aí é importante o papel dos estados porque nós precisamos descentralizar a fiscalização, para que ela seja cada vez mais adequada às características da agricultura familiar. E agora eu também assinei uma modificação no Decreto, simplificando ainda mais a questão da fiscalização desses produtos.

Eu queria também aqui dizer para vocês que eu tenho um compromisso com o movimento de agricultores familiares, que eu assumi quando eu ainda era candidata. Quero assegurar que nós tenhamos ações firmes para levar um serviço público de qualidade ao meio rural.

No que se refere à habitação, no que se refere à casa própria, no que se refere ao lar que todo agricultor e agricultora tem direito de ter, de qualidade, ou de melhorar aquele que já tem, o Programa Minha Casa, Minha Vida 2, que antes só contemplava a construção de novas moradias, agora, a pedido do movimento de agricultores familiares, vai contemplar também a reforma.

Para reduzir a burocracia, também conforme a promessa que eu fiz para vocês, nós criamos uma superintendência na Caixa Econômica Federal só para tratar da habitação do agricultor familiar. E também trouxemos o Banco do Brasil para esse financiamento, posto que o Banco do Brasil já tem um contato com os agricultores familiares, através do Pronaf.

Mas, além disso, eu recomendei ao meu ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, aqui do Paraná, que também desse todas as condições para que o nosso mundo rural, e a agricultura familiar em especial, tivesse acesso à banda larga e internet de qualidade e a preços adequados. O que é muito importante, porque eu tenho conhecimento da grande reivindicação dos agricultores

familiares ou, melhor, das famílias dos agricultores, no sentido de assegurar para seus filhos o acesso à educação e também a serviços públicos igual a quando eles tivessem [ao de quem tem] uma família morando na cidade. Daí porque eu tenho certeza de que este programa de banda larga vai ser muito importante para que as condições no campo sejam iguais às condições urbanas.

Eu queria lembrar que uma parte muito expressiva do Plano Brasil sem Miséria está focada nas condições de vida da população mais pobre da zona rural brasileira, e que esse Plano contempla várias questões que eu considero centrais para os agricultores mais pobres: o acesso à água, o acesso a crédito e assistência técnica, o acesso a uma Bolsa Verde, principalmente para aqueles que moram em florestas nacionais ou em locais onde haja zonas de recuperação ambiental ou de proteção ambiental.

Além disso, eu queria reafirmar aqui, hoje, o meu compromisso com a valorização da agricultura familiar, da agricultora familiar, olhando para ela de forma específica. E queria transmitir a vocês uma convicção que eu tenho, de forma muito clara e muito determinada: a convicção de que o nosso país, para ser de fato uma das maiores economias do mundo, precisa de vocês, precisa do trabalho de vocês, precisa do esforço de vocês. E eu tenho de que juntos, o governo e os agricultores familiares, em parceria com os governos estaduais e com os prefeitos, nós conseguiremos construir este país do tamanho dos nossos sonhos e da nossa certeza de que este é um país de homens e mulheres decididos e que não recuam diante de dificuldades. Eu tenho certeza de que juntos nós chegamos lá.

Um abraço a todos vocês.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse da diretoria da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) e do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (Ciergs)

O industrial Heitor José Müller assumiu a presidência do Sistema FIERGS (CIERGS, Sesi, Senai e IEL), para o período 2011/2014, sucedendo Paulo Tigre

Porto Alegre-RS, 14 de julho de 2011

Governador Tarso Genro,

Queria cumprimentar, quebrando o protocolo, o ex-presidente do Sistema Fiergs/Ciergs, Paulo Fernandes Tigre,

Queria cumprimentar o atual presidente do Sistema Fiergs/Ciergs, Heitor José Müller,

E cumprimentar, com muito carinho, o deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar meu ministro, Fernando Pimentel, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

O advogado-geral da União, Luís Inácio Adams,

E a ministra secretária de Direitos Humanos, Maria do Rosário,

Cumprimentar o presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, companheiro Adão Villaverde,

O desembargador, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, desembargador Leo Lima,

Queria cumprimentar os senadores Ana Amélia Lemos, aqui presente, e Paulo Paim,

O deputado federal Mendes Ribeiro Filho, líder do governo no Congresso Nacional, por intermédio de quem cumprimento todos os demais deputados federais aqui presentes,

Cumprimentar o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati,

Cumprimentar o grande parceiro, amigo e, sem dúvida nenhuma, um grande líder empresarial, o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Braga de Andrade,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores integrantes da nova diretoria do Sistema Fiergs/Ciergs da gestão 2011 a 2014,

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, cinegrafistas, fotógrafos.

Meus caros e minhas caras senhoras empresárias, empresários e senhoras empresárias aqui presentes,

Quando eu recebi o convite para participar desta solenidade eu, imediatamente, pedi que organizassem a minha agenda para que eu pudesse vir aqui. Eu fiz questão de estar aqui para homenagear um empresário como o Paulo Tigre. Ele é um empresário muito especial.

Eu, como vocês sabem, participei aqui no Rio Grande do Sul de governos diferentes como ministra, geralmente, de Energia. E ao longo do tempo, depois como ministra de Minas e Energia e depois como ministra-chefe da Casa Civil, eu percebi que nós, no Rio Grande do Sul – e falo “nós” porque a minha vida, uma parte dela muito grande ocorreu aqui – nós tínhamos uma importância real muito maior do que a importância política que o estado demonstrava, no plano federal, e muitas vezes a nossa presença estava aquém da importância do estado do Rio Grande do Sul. Daí porque, quando eu conheci o Paulo Tigre, eu percebi que ele era um extraordinário dirigente porque era capaz de estabelecer consensos, estabelecer um diálogo firme com o governo federal, ter propostas que, de fato, iam ao cerne da questão e implicavam na solução dos problemas do estado.

Daí porque eu quis vir aqui homenagear, como presidente da República, este extraordinário dirigente empresarial que soube, como poucos, conciliar os legítimos interesses setoriais e regionais que representou, nesses seis anos à frente da Fiergs, com uma visão estratégica de nosso país, percebendo claramente que o Rio Grande do Sul tinha uma imensa importância para o Brasil, mas que o Brasil também era elemento essencial do desenvolvimento e do crescimento do Rio Grande.

Em sua gestão, Paulo Tigre inaugurou uma nova fase na relação com o governo federal. Construiu pontes em prol do avanço do Rio Grande do Sul, manteve, com clareza, as suas diferenças, porém estabeleceu o diálogo e construiu consensos. Produziu um mapa estratégico do estado, orientado para o fortalecimento da infraestrutura produtiva e, comprometido com a educação de qualidade, a inovação e a sustentabilidade.

Tive a honra de, em vários momentos, discutir, negociar e pactuar parcerias com Paulo Tigre. Como dirigente da Fiergs, como vice-presidente da CNI ou como membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, ele sempre se distinguiu por sua imensa capacidade de construir propostas ousadas, tocar nos pontos essenciais e sensibilizar as pessoas com as quais dialogava para transformar as questões difíceis, os desafios, em soluções e respostas concretas.

Na verdade, aprendi a admirar Paulo Tigre por sua extraordinária habilidade em construir acordos e compromissos em torno dos grandes temas estratégicos do Rio Grande do Sul e, obviamente, por isso mesmo, grandes temas para o Brasil. Espero, Paulo Tigre, que com seu talento e dedicação você continue a servir à construção de um Brasil mais desenvolvido e que dê um espaço cada vez maior ao crescimento da nossa indústria, com maior competitividade e, sobretudo, com grande capacidade de disputar seu espaço neste mundo absolutamente controverso e cheio de desequilíbrios, que é o mercado internacional.

A Fiergs continua nas mãos firmes de um empresário que nós vimos hoje, aqui, visivelmente inovador e com propósitos claros e determinados – Heitor José Müller –, que chegou à presidência da Fiergs e que saberá representar os legítimos interesses da indústria e da economia gaúchas.

Quero deixar claro, Heitor, meu compromisso com o Rio Grande do Sul. O governo do estado, através do nosso governador, Tarso Genro, e a Fiergs, com a sua presidência terão, no governo federal, um parceiro. Um parceiro e, mais do que um parceiro, um amigo e uma amiga, na promoção do desenvolvimento deste importante estado da Federação.

Eu convivi com os senhores, conheço uma parte dos problemas do Rio Grande do Sul, mas eu tenho certeza de que os senhores saberão colocar esses problemas com a prioridade que eles merecem ter.

Por isso, eu quero dizer que conto com os senhores. Conto com o Governador e conto com o Presidente da Fiergs. Acredito que aqui nós temos uma parte importante da sociedade gaúcha e que essa parte importante da sociedade gaúcha tem a missão de liderar, junto com o governo, junto com as lideranças políticas, o Rio Grande do Sul para um destino de maior desenvolvimento.

Senhoras e senhores,

Nós sabemos que as consequências da crise financeira que se abateu sobre a economia internacional em 2008 continuam, ainda hoje, a provocar desemprego, estagnação econômica, elevação do endividamento privado e público, e impasses políticos e econômicos das mais variadas ordens. Isso vem ocorrendo de forma intensa nos Estados Unidos, que lutam contra um crescimento muito abaixo das expectativas, e também na Zona do Euro, onde sucessivos países enfrentam o risco da insolvência.

Este é um momento de grandes desequilíbrios financeiros na economia mundial. Fluxos excessivos de capital se voltam para países emergentes e provocam pressões inflacionárias e valorização de moedas. Desde o início do meu governo estamos, de forma firme e decidida, mantendo a inflação sob controle – a inflação, sim – e também realizando uma política fiscal bastante austera, que conseguiu um desempenho bastante expressivo ao chegarmos, no primeiro quadrimestre, a atingir metade do superávit previsto para o ano. Conseguimos – e isso é importante frisar – manter a economia e o emprego crescendo a taxas compatíveis com as exigências do Brasil, e ao mesmo

tempo conseguimos, nesse cenário turbulento, estabilizar a economia brasileira.

Essas ações me permitem afirmar que as tensões que explodem lá fora nos estimulam a agir com coragem, com ousadia e a fazer logo, sem perda de tempo, o que é melhor para o Brasil, sem sacrificar o nosso povo e o nosso modelo de desenvolvimento, com estabilidade macroeconômica e inclusão social.

É importante salientar que as nossas próprias carências e as nossas dívidas históricas impõem prioridades inadiáveis ao país. O meu governo tem o compromisso de resgatar 16 milhões de brasileiros da extrema pobreza, o que não só é um princípio moral e ético, mas é também algo fundamental para o nosso país, que tem de capitalizar o fato de sermos 190 milhões de brasileiros. Por isso lançamos o Brasil sem Miséria. Queremos consumidores, cidadãos, produtores, trabalhadores.

Estamos também decididos a assegurar base sólida e duradoura aos 39,5 milhões de brasileiros e brasileiras que ascenderam às classes médias, de 2003 até maio de 2011, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas. Para se ter uma ideia, esses brasileiros representam uma “Argentina” elevada à condição de mercado consumidor e produtor. Por isso nós podemos dizer que o Brasil mudou, sim. Estamos num processo acelerado de transformação e temos de garanti-lo, e temos de nos assegurar que ele seja feito com qualidade.

Nós, nesse sentido, assumimos a missão de formar um verdadeiro exército de jovens brasileiros qualificados para exigências profissionais da era do conhecimento e da sofisticação tecnológica. Por isso, lançamos o programa nacional de tecnologia e emprego [Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego], cujo objetivo é oferecer educação profissionalizante aos jovens e aos trabalhadores brasileiros.

Tenho imensa alegria em dizer que nessa cruzada pela formação profissional, estamos tendo a parceria do Sistema S. E aí eu quero mencionar o presidente da CNI, Robson Braga, e dizer que contamos com a CNI no sentido de qualificar e de melhorar a qualidade do ensino médio no Brasil.

Vamos lançar também, na próxima reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o programa Brasil sem Fronteiras, no final deste mês. Trata-se de um programa estratégico para o país, quando se pensa nas condições para que a pesquisa científica, tecnológica e a inovação sejam, de fato, uma realidade no nosso país. Precisamos formar estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação. Este programa prevê 75 mil bolsas públicas – Capes e CNPq – nas 30 melhores universidades do mundo, nas áreas de Engenharia, Ciências Exatas, Tecnologia da Informação e Ciências Médicas.

Consideramos que será muito oportuno que o empresariado brasileiro ajude o Brasil a formar massa crítica e que se constitua numa fonte de condições de

conhecimento, para que o Brasil produza, justamente na área que nós temos maior carência, que é das Ciências Exatas, tanto profissionais na área de pesquisa, na área de invenções e, sobretudo, na área de inovação.

Esse salto é algo que os países emergentes como nós - por exemplo a China - fazem sistematicamente nos últimos anos... a Índia e países que já percorreram o caminho em direção à inovação.

De qualquer jeito, o governo federal, até 2014, colocará 75 mil jovens, em graduação e pós-graduação, no exterior, no sentido de garantir que nós tenhamos acesso ao que há de mais avançado nessas áreas. Temos clareza de que sem tudo isso o Brasil não se tornará o país verdadeiramente próspero que tem condições de ser nesta segunda metade... aliás, nesta segunda década do século XXI.

Daremos também continuidade aos investimentos da infraestrutura energética, logística e social, por meio do PAC 2, do Minha Casa, Minha Vida 2, das obras de mobilidade urbana e, sobretudo, da indústria de fornecedores de bens e serviços do pré-sal, exigindo, sistematicamente, conteúdo nacional para o fornecimento dos equipamentos, dos materiais e dos serviços prestados nessa área.

Senhoras e senhores,

Nós temos, no governo, muito claro que o acirramento da competição dos mercados internacionais impõe a adoção de políticas de fortalecimento da indústria e impõe estratégias conjuntas entre o setor privado e o governo, visando a ampliar a nossa competitividade e garantir o crescimento sustentável de nossa economia.

No início de agosto, meu governo apresentará um plano de desenvolvimento produtivo, que tem como eixos a exigência de conteúdo local na produção, a inovação tecnológica e o fortalecimento de nosso comércio exterior. Lançaremos também uma atualização do Super Simples. A exigência de conteúdo local é fator decisivo para a expansão da indústria, do emprego e da renda. O Rio Grande do Sul já participou de uma experiência de exigência de conteúdo local quando nós reavivamos a indústria naval e, aqui no Rio Grande do Sul – lá em Rio Grande –, nós criamos novamente um polo naval.

Para essa questão do conteúdo local, a expansão do crédito, o aperfeiçoamento dos regimes tributários e uma política vigorosa de compras governamentais são instrumentos adequados para elevar o nível de conteúdo local de nossa produção.

A fim de facilitar e melhorar a capacidade inovadora das empresas brasileiras, aumentaremos a oferta de crédito e simplificaremos o acesso aos instrumentos necessários ao processo de inovação. Estamos num processo acelerado de capitalização da Finep, adequadamente formatado para fomentar a pesquisa científica e tecnológica, e a inovação.

No comércio exterior, adotaremos instrumentos ousados e efetivos de apoio às exportações, com clara ênfase na diversificação de nossa pauta. Isso quer dizer, com clara ênfase em manufaturados. Vamos fazer uma defesa contundente da indústria contra práticas protecionistas desleais e fraudulentas que afetam nossas importações.

Continuaremos investindo em nossa visão estratégica de desenvolvimento baseada no crescimento com estabilidade macroeconômica, com distribuição de renda, erradicação da miséria e grandes avanços em educação.

Temos certeza de que o Brasil pode, de fato, se transformar numa das maiores economias, neste século XXI. Somos um país especial: nós não temos guerra, não temos conflitos étnicos e somos, sem sombra de dúvida, uma das maiores democracias do mundo ocidental. Temos clareza de que o Brasil só crescerá se, de fato, for capaz de desenvolver sua indústria e transformá-la, cada vez mais, numa indústria sofisticada e, ao mesmo tempo, numa indústria capaz de gerar empregos de qualidade para milhões e milhões de brasileiros.

Temos clareza também de que nós somos um dos BRICS porque temos em comum algumas coisas. Com os BRICS temos em comum o fato de sermos países continentais, temos em comum o fato de sermos países com reservas naturais extensas. Não somos países sem industrialização, mas a nossa similaridade acaba aí, porque nós temos algumas diferenças a nosso favor. Uma delas é que o Brasil não abandonou a sua população nesses últimos dez anos. Nós viemos transformando o perfil socioeconômico do país. Elevar uma “Argentina”, em nove anos, é algo extraordinário e significa que nós conquistamos um enorme mercado consumidor e produtivo. Continuar nessa trajetória, de forma que todas as classes sociais no Brasil possam se elevar é apostar no que nós temos de mais forte, que são os 190 milhões [de brasileiros].

Temos também uma grande diferença: somos uma democracia. Não teremos as surpresas do crescimento que levaram o norte da África e uma parte da Ásia a sofrerem processos disruptivos no que se refere à busca de democracia. Nós ultrapassamos essa fase.

Portanto, nós temos pela frente um caminho muito claro, um caminho que nós podemos trilhar sem sobressaltos. Isso não significa que seja um caminho tranquilo e fácil, principalmente porque vivemos num mundo em turbulência. Mas o Brasil provou, nos últimos anos, que é capaz de enfrentar essas turbulências e de encontrar dentro de si a força para ir além, como nós já provamos isso.

Nós temos certeza de que, com a liderança dos senhores, com a participação da nossa sociedade e com a busca efetiva, por parte do governo, do entendimento das reivindicações, dos anseios e – eu diria, de forma muito tranquila – do que cada um de nós pretende para o nosso país, nós conseguiremos levar esse nosso destino a bom termo. E o nosso destino, necessariamente, é nos transformarmos numa das grandes economias do

mundo neste século XXI. Que ela seja uma economia justa e que cada um de nós tenha orgulho de viver em nosso país.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de início da construção dos submarinos S-BR no Brasil

A iniciativa faz parte do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (Prosub) da Marinha do Brasil, que prevê a construção de quatro submarinos convencionais chamados S-BR (submarino brasileiro), da classe Scorpène, de tecnologia francesa. A estimativa é de que o primeiro dos quatro submarinos esteja pronto em 2016

Itaguaí-RJ, 16 de julho de 2011

Senhor governador Sérgio Cabral, governador deste estado, que sempre será um dos estados mais amados do Brasil, o Rio de Janeiro,

Senhor Yves Saint-Geours, embaixador da República Francesa no Brasil,

Ministros que me acompanham neste dia: Nelson Jobim, ministro da Defesa; Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia; Orlando Silva, ministro dos Esportes; Luiz Sérgio, ministro da Pesca e da Aquicultura; Helena Chagas, ministra da Comunicação Social e Maria do Rosário, ministra dos Direitos Humanos.

Senhor Vice-governador do Rio de Janeiro, grande parceiro, Luiz Fernando de Souza Pezão,

Almirante-de-Esquadra Júlio Soares de Moura Neto, Comandante da Marinha,

Senhor Gérard Longuet, ministro da Defesa da República Francesa,

Deputados Federais Benedita da Silva, Carlos Zarattini e Zoinho,

General-de-Exército José Carlos De Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Senhor Carlos Busatto Júnior, prefeito de Itaguaí,

Senhor Jaime Wallwitz – Jaimão –, presidente da Nuclep,

Senhor Yves Blanc, presidente da DGA,

Senhor Marcelo Bahia Odebrecht, presidente da Odebrecht,

Senhor Patrick Boissier, presidente da DCNS,

Senhor Gérard Solve, presidente da Itaguaí Construções Navais,

Senhor Alex Santos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro,

Senhora Ana Cláudia Souza Fernandes, por intermédio de quem cumprimento as trabalhadoras e os trabalhadores da Nuclep,

Senhoras e senhores,

Nesta cerimônia nós vivemos um momento estratégico para o Brasil, com o início da construção dos submarinos Sub S-BR. Nós sabemos – aliás, foi dito de uma forma muito clara para nós, na apresentação que recebemos aqui, da Marinha – que um pequeno grupo de países domina a construção de submarinos, em especial de submarinos de propulsão nuclear.

Por isso, hoje é um momento especial. O Brasil dá mais um passo em direção à afirmação cada vez maior da sua condição de país desenvolvido, de país com uma indústria sofisticada e, portanto, de país que é capaz de absorver, dominar e utilizar tecnologias avançadas.

Graças à Marinha, responsável pelo Programa de Desenvolvimento de Submarinos e, também, graças à decisão política do presidente Lula, em 2008, que, em parceria com a França e o presidente Sarkozy, o Brasil passa a trilhar este caminho da construção de submarinos.

O grande mérito e o grande objetivo dessa parceria é a transferência de tecnologia e, portanto, uma aliança estratégica no sentido da construção de submarinos com a França.

Nós, neste projeto, temos um objetivo fundamental, que é fortalecer e capacitar a Marinha do Brasil em dois aspectos, tanto na sua modernização cada vez maior, ao se tornar uma arma capaz de dominar a tecnologia da produção de submarino de propulsão nuclear, dentro de um quadro de defesa nacional, jamais de ataque, porque somos um país comprometido com os princípios da paz, e também no sentido de assegurar que a nossa Marinha seja capaz de proteger o nosso povo e, sobretudo, ser capaz de garantir um ambiente pacífico no nosso país e, também, garantir a segurança de nossas riquezas naturais.

Este país possui um valor muito grande com a descoberta do pré-sal na sua plataforma continental. Nada mais justo que nós tenhamos, na Marinha, um dos fatores de garantia da soberania deste país e de proteção de suas riquezas.

Mas este programa não se esgota aí. Ele é um programa, também, que tem por objetivo adquirir conhecimento. Conhecimento é um valor fundamental para a afirmação da soberania do nosso país. É também um programa para assimilar tecnologia, como eu já disse, das mais avançadas. É um programa para fortalecer a indústria nacional de defesa do país, um programa de capacitar e qualificar profissionais. Sobretudo, é um programa que nos dá orgulho de ver que nesses últimos dois anos e meio, desde 2008, nós conseguimos trilhar

este caminho e, agora, damos o primeiro passo em direção da construção do primeiro submarino. E, através desse primeiro passo, nosso objetivo é chegar aos quatro submarinos mais convencionais, com propulsão a diesel, para desembocarmos na produção de submarino com propulsão nuclear.

Nós podemos nos orgulhar, porque, nos últimos anos, o Brasil afirmou, reafirmou a sua capacidade de voltar a produzir e a dominar tecnologias que durante alguns anos nós deixamos de lado. Fomos a segunda maior indústria naval, nos anos 80, e hoje voltamos novamente, também a partir da decisão de produzir aqui plataformas, sondas, navios, petroleiros, equipamentos, bens e serviços para o fornecimento para a nossa indústria de petróleo e gás.

Eu tenho muito orgulho de estar aqui hoje, porque acredito que este momento se combina com o momento excepcional do nosso país. É o momento em que nós afirmamos a capacidade do país crescer com estabilidade macroeconômica, controle da inflação, uma política robusta, no que se refere aos nossos orçamentos fiscais, mas também uma política que tem compromisso com as necessidades do país e do seu povo.

Mantemos o país crescendo, mantemos a distribuição de renda que caracterizou, nos últimos anos, esse período fantástico para o nosso país, no qual introduzimos, como consumidores, produtores e cidadãos, quase uma Argentina. Pelos dados da Fundação Getúlio Vargas, foram 39 milhões e meio de pessoas que entraram na classe média, desde 2003 até maio de 2011. Isso significa que nós estamos dando sequência a uma visão de desenvolvimento com inclusão social. Mas, sobretudo, a uma concepção clara que o nosso país é um país que tem uma grande riqueza, além do pré-sal, dos minérios, da nossa indústria, da nossa agricultura: são os 190 milhões de brasileiros e de brasileiras que têm o poder de transformar, de fato, o nosso país numa grande nação.

Eu queria afirmar... dar os parabéns à Nuclep. A Nuclep era uma empresa que vivia à margem, nos anos 90. Com a chegada do presidente Lula ao governo, em 2003, essa empresa, que é uma das grandes empresas produtoras de equipamentos pesados no nosso país, foi recuperada, e tenho certeza que progressivamente, com seus trabalhadores, seu conhecimento, seus equipamentos, irá produzir cada vez mais, para o bem do nosso país.

Eu queria cumprimentar, aqui, e dar meus parabéns ao ministro da Defesa, Nelson Jobim e à Marinha do Brasil, através do almirante Júlio. Queria cumprimentar o Jaime, presidente da Nuclep. Cumprimentar a Odebrecht, a DCNS francesa e a nova empresa Itaguaí, de construções navais.

Tenho certeza de que nós todos, unidos, num projeto comum, em que os submarinos, a produção deles se transforma numa posição estratégica do Brasil diante do fortalecimento da sua indústria, da capacitação do nosso país, da nossa capacidade, também, de construir alianças internacionais, tudo isso consubstancia-se neste projeto. E, por isso, eu tenho só um desejo: sucesso a todos que estão envolvidos nesse desafio e nessa caminhada.

Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de abertura dos 5º Jogos Mundiais Militares Rio 2011

Esta edição, que aconteceu no período de 16 a 24 de julho, reuniu cerca de 6 mil atletas e 2 mil delegados vindos de mais de 100 países

Rio de Janeiro-RJ, 16 de julho de 2011

Boa noite a todos. Bem-vindos ao Brasil. Declaro aberta a 5ª edição dos Jogos Mundiais Militares do Conselho Internacional do Esporte Militar. Desejo boa sorte a todos.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento regional do programa Brasil sem Miséria no Nordeste

Diversas medidas adotadas pelo programa visam retirar 9,6 milhões de nordestinos da extrema pobreza

Arapiraca-AL, 25 de julho de 2011

Eu queria, primeiro, cumprimentar aqui todos os agricultores e as agricultoras,

Cumprimentar também os moradores de Arapiraca, que nos recebem com tanto carinho,

Cumprimentar também todos aqueles alagoanos que nos honram com a sua presença aqui,

Dirigir um cumprimento especial às mulheres, às prefeitas e às agricultoras aqui presentes,

Governador Teotônio Vilela, é um imenso prazer estar aqui, no estado de Alagoas, lançando o Brasil sem Miséria, e assumindo um compromisso com este novo Nordeste, dando continuidade à obra do presidente Lula, com o qual eu trabalhei e tive a honra de participar dos principais atos do seu governo,

Queria cumprimentar os nossos governadores aqui presentes: o governador Eduardo Campos; o governador Ricardo Coutinho, da Paraíba; o governador Wilson Martins, do Piauí; o governador Marcelo Déda, do Sergipe; e também o nosso vice-governador do Maranhão, Washington Oliveira,

Queria dirigir um cumprimento aos parlamentares aqui presentes, saudando o senador Benedito de Lira, a deputada Célia Rocha, os deputados Givaldo Carimbão, Joaquim Beltrão, Renan Filho e Rosinha Da Adefal,

Dirigir um agradecimento pela camiseta doada,

Ao prefeito Luciano Barbosa e, por intermédio dele, eu quero saudar os prefeitos e as prefeitas aqui presentes,

Abraçar a Josicleide Mendes da Silva, diretora da Associação das Produtoras de Broas e Produtos Alimentícios Derivados da Farinha,

Cumprimentar, mais uma vez, as senhoras e os senhores agricultores.

Hoje é um dia muito importante para nós. O Brasil passou um tempo muito longo de costas para o seu povo. Quando o presidente Lula chegou ao governo, em 2003, pela primeira vez a pauta prioritária do governo passou a ser os mais pobres. Passou a ser a seguinte pergunta: o que o governo pode

fazer para a parte da população mais pobre do Brasil? E o que o governo podia fazer? O governo podia dar conta da imensa dívida que este país tinha com as populações mais pobres, dívida expressa na ausência e na falta de casas, na falta de luz elétrica, na falta de água.

Nós nos esforçamos muito. Os governadores que aqui estão participaram dessa luta e desse esforço. Nós conseguimos, nesse período, contando daquela época até hoje, tirar da pobreza e transformar em classe média uma “Argentina”, uma população da Argentina: 39,5 milhões de pessoas. Quando a gente pensa que é igual a tirar da pobreza e elevar à classe média uma “Argentina”, a gente percebe o tamanho do que foi feito.

Mas aí, eu fui eleita por vocês para continuar esse projeto do governo Lula. Eu fui eleita por vocês, com a confiança de vocês e com o meu compromisso de que o Brasil ia continuar dando importância, dando prioridade, atendendo, acolhendo, protegendo as pessoas mais pobres do país. E isso nós estamos fazendo com o programa Brasil sem Miséria.

Esse programa é um programa que mostra claramente como é que o Brasil mudou. Antes, quando se olhava para os mais pobres, se achava que a culpa da pobreza era deles. Agora nós sabemos que quando se dá uma oportunidade, por menor que seja, para a população mais pobre deste país, ela agarra com as duas mãos e transforma sua vida, cria oportunidade para si e para os seus filhos. Nós aprendemos que este país só vai ser um país grande quando nós eliminarmos a pobreza e a miséria.

Por isso nós estamos aqui hoje, porque nós temos um compromisso com a população ainda extremamente pobre. Essa população, ela pode mudar, ela pode. A primeira coisa que nós temos de afirmar é que ela pode sair da pobreza, ela pode. Como é que ela pode? Se organizar o governo federal, os governadores, os prefeitos e a população pobre deste país, nós sairemos da miséria e construiremos um Brasil maior.

Hoje, aqui, o que nós estamos fazendo é afirmar: nós somos capazes de, juntos, tirar 16 milhões de brasileiros da pobreza extrema. E aqui no Nordeste, vamos fazer isso olhando também para a população pobre da zona rural, do campo nordestino, do semiárido, e aí é muito importante a questão da água, sim. A água é algo que, no passado, utilizaram como instrumento de poder, como fonte de privilégio, que se distribuía quando se queria exercer o poder sobre as populações sem água, passando sede.

Durante muito tempo o Brasil voltou as costas para a população nordestina, que saiu das suas terras, saiu dos seus estados e desenhou o mapa brasileiro, ou indo para São Paulo, ou para as plantações do Acre, ou para a Transamazônica. Agora, não.

Aí eu queria, dentro do que falou o nosso governador Teotônio, homenagear uma nordestina que saiu lá da terra do Eduardo Campos, saiu lá de Pernambuco, carregando, como sempre acontece, uma porção de filhos pequenos: a dona Lindu, mãe do presidente Lula.

Vocês vejam como é que a história é interessante. Foi justamente esse brasileiro que saiu fugindo, fugindo da seca, fugindo da falta de horizonte, fugindo da falta de esperança, que construiu um processo no qual se criou o novo Nordeste, esse brasileiro, que é o presidente Lula. Nós todos sabemos que só uma pessoa que viveu a saga dos nordestinos, a saga da sede, a saga da fome, pode dar ao Nordeste a dimensão que ele deve ter, e eu tenho muita honra de continuar esse projeto.

Porque hoje, aqui, nós estamos assinando o compromisso do meu governo com a universalização da água, afirmando que a água é um direito de todos os nordestinos, seja sob a forma de cisternas, seja sob a forma de aguadas, de pequenas barragens ou através de projetos grandes, como a transposição do São Francisco. E toda essa imensa obra, que é o Canal do Sertão Alagoano, vai levar água de forma permanente e perene para toda a população nordestina matar sua sede, matar a sede da sua criação e utilizar essa água para o seu desenvolvimento.

Eu queria dizer para vocês que o Brasil Sem Miséria é o compromisso do meu governo com o desenvolvimento da população mais pobre deste país, na certeza de que o nosso país só será uma grande potência se todos os 190 milhões de brasileiros, em especial todos aqueles que integram a população nordestina mais pobre, forem capazes de ter acesso a seus direitos, ter acesso a sua casa própria, ter acesso a saneamento, à água e, sobretudo, seus filhos terem acesso à Educação.

No caminho, nesse imenso caminho que se abre para o Brasil, no caminho que nós queremos que seja trilhado com a superação da pobreza neste país, nós precisamos de muita Educação. Para quem? Para todos os filhos dos brasileiros e das brasileiras, porque, de fato, nós só construiremos um país mais igual se todas as crianças, se todos os jovens forem... tiverem direito a ter uma profissão, uma capacitação técnica, conseguirem um trabalho decente, conseguirem desenvolver a renda nas suas propriedades.

E aqui eu fico muito orgulhosa de estar em Arapiraca, porque se aqui é a terra dos empreendedores, é a terra do trabalho, é a terra que abre essa luta imemorial do povo nordestino pela sua sobrevivência, pois é aqui mesmo que nos orgulha lançar um plano como o Brasil sem Miséria.

Eu agradeço a todos vocês. Quero dizer que, através do Bolsa Família, da aposentadoria – que nós iremos atrás – da população mais pobre, porque ela tem seu direito, e esse direito tem de ser reconhecido. Conto com os governadores, conto com os prefeitos, mas, sobretudo, eu tenho certeza de que nós contamos com essa sociedade, esse povo forte – sofrido, mas com muita garra.

Um abraço a todos.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encerramento do encontro com governadores do Nordeste para a assinatura do Pacto pela Erradicação da Miséria

Na ocasião, a Presidenta Dilma fala sobre o Brasil sem Miséria e outros programas e planos do governo

Arapiraca-AL, 25 de julho de 2011

A mim ficou, aqui, a atribuição de encerrar uma reunião que teve excelentes oradores, sem sombra de dúvida. Nenhum cumpriu, é? Está certo. Mas é assim.

Eu queria, primeiro, agradecer a cada um dos governadores aqui presentes, agradecer pela parceria, agradecer pela sugestão. E agradecer também porque é fundamental que a gente tenha uma visão - eu não chamaria crítica - mas uma visão que levante os problemas dos projetos que nós estamos nos propondo a realizar e a concretizar.

Então, eu queria agradecer a todos os governadores, a cada um em particular. Agradecer Alagoas pela recepção fraterna que nos deram, pela iniciativa que estão tendo aqui, em Arapiraca, no caso da mobilização da agricultura familiar e da produção de uma agroindústria familiar, que vai ter a farinha, a conhecida farinha de Arapiraca. Agradecer a Sergipe, agora em segundo lugar, Déda, também pela participação do seu governador e também pela laranja. Agradecer à Bahia, ao Jaques Wagner, por toda a parceria que temos tido. Agradecer ao Ceará e ao Cid, também pelo fato de que nós temos, nessa área das águas, enfrentado e buscado solucionar, com projetos estruturantes não só a transposição do São Francisco mas, no caso lá, do Cid, o Eixão das Águas, que é um projeto extraordinário. Agradecer à Paraíba, agradecer ao Ricardo. Agradecer também pelas sugestões, ao nosso querido Eduardo Campos; ao Wilson, do Piauí, ao governador; à nossa governadora Rosalba; e queria enviar um abraço para a nossa governadora Roseana Sarney.

Mas eu vou usar também esse meu tempo para falar para os prefeitos. E aqui eu queira saudar os prefeitos das entidades municipalistas dos estados do Nordeste.

Queria saudar o prefeito Antônio João Dourado, presidente da Associação Municipalista de Pernambuco,

O prefeito Carlos Abrahão Gomes de Moura, presidente da Associação dos Municípios Alagoanos,

A presidente [prefeita] Eliene Leite Araújo Brasileiro, presidente da Associação dos Municípios e Prefeitos do Estado do Ceará,

O prefeito Luiz Benes Leocádio de Araújo, presidente da Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte,

O prefeito Luiz Carlos Caetano, presidente da União dos Municípios da Bahia,

Queria agradecer também aos senhores deputados federais aqui presentes: João Lira, Maurício Quintella, Renan Filho, Givaldo Carimbão, Rosinha da Adefal, Célia Rocha,

E dizer para o prefeito de Arapiraca, José Luciano Barbosa da Silva, muito obrigada por esta recepção.

Eu queria dizer que o Plano Brasil sem Miséria, ele faz parte de uma corrente que tem em seus elos vários planos: o Programa de Aceleração do Crescimento, o Minha Casa, Minha Vida, o Pronatec.

E eu vou mencionar especificamente, aqui, dois outros planos. Um é o Plano Safra da Agricultura Familiar, que todos os anos nós lançamos. Porque a agricultura familiar, ela tem várias realidades. Tem uma agricultura familiar que já é uma agricultura familiar de mercado. Para ela, nós destinamos este ano R\$ 16 bilhões de financiamento; para ela, nós criamos o programa de preços mínimos, o PGPM; para ela, nós criamos o Seguro Safra; para ela, nós reduzimos juros entre 0,5 e 2%. Por que eu estou dizendo isso? Porque o que nós queremos é que a agricultura familiar dos extremamente pobres seja a agricultura familiar que já está capacitada, num processo, a entrar no mercado, a se desempenhar e a ser a agricultura que fornece 70% dos nossos alimentos, na nossa mesa.

Esse processo, o Brasil sem Miséria, ele tem esse caminho, ele tem essa direção, a direção de que o Brasil sem Miséria, ele tem articulação com os demais programas, por exemplo, no caso da agricultura familiar, com o Plano Safra, no futuro. Com o caso da Água para Todos, nós queremos universalizar a água para todos mesmo. E isso não se faz só com as cisternas, nem com sistemas simplificados, vai-se fazer com todos os meios disponíveis para a gente chegar a essa situação de universalização.

Eu queria mencionar especificamente um outro caminho, que é o caminho, também, que nós vamos trilhar para fazer com que o Brasil seja um país de oportunidades. Eu quero falar da Educação. Não há como um programa Brasil sem Miséria não ter, nos seus elos de articulação, a Educação. Não só a educação básica, não só o que aqui foi levantado, o compromisso que nós temos com a educação integral, tanto no ensino médio quanto na educação básica mas, também, com o ensino técnico. Um dos caminhos, também, para a gente elevar as pessoas, no processo de melhoria das suas condições materiais, morais, intelectuais e de aprendizado é a Educação.

E, aí, eu acho que este nosso país é um país especial, porque ele é capaz de combinar um programa focado na miséria, um programa focado na elevação de 16 milhões [de pessoas] - porque nós sabemos que este país não der esse passo, nós jamais seremos uma grande nação - com um programa que tem por foco a construção do caminho para nós nos transformarmos numa economia do conhecimento.

E aí eu vou mencionar algo que vai acontecer amanhã, lá em Brasília. Na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Ministério da Educação e o Ministério da Ciência e Tecnologia vão apresentar um plano que coroa todo esse esforço que começou lá no governo Lula e no compromisso do presidente Lula com o ensino básico, com o ensino técnico, com a interiorização das universidades, com o ProUni, enfim, com a maior democratização possível da Educação. Combina tudo isso com o nosso programa de escolas técnicas e de mais vagas nas escolas técnicas, com uma questão séria para o Brasil, que é: nós temos de ser capazes de nos atualizar.

A Embrapa foi formada porque deram oportunidade para mil jovens, e jovens brasileiros, de estudar no exterior, ter o seu acúmulo e produzir as suas

próprias inovações no Brasil, como muito bem diz o nosso ministro Wagner Rossi.

Pois muito bem, nós vamos... Nós abrimos amanhã um programa que se chama Brasil sem Fronteiras. Nós vamos construir a oportunidade para 75 mil brasileiros e brasileiras se graduarem, se pós-graduarem, se doutorarem e se pós-doutorarem no exterior, nas melhores universidades, pelo menos no ranking das 30 melhores universidades, na área de exatas: as Engenharias, a Química, a Biologia, a Física, a Matemática e as Ciências Médicas. O sentido desse programa, ele integra o Pronatec, o Programa Nacional de Tecnologia e Emprego, e mais, ele busca justamente assegurar que os nossos jovens tenham acesso, através de bolsa, algumas "sanduíche", ou seja, estuda uma parte na nossa universidade e outra parte lá fora, para não perder o sentido de Brasil. E, com isso, o que nós queremos? Nós queremos assegurar que esses jovens tragam para o Brasil o que há de melhor na educação internacional.

Vários países do mundo fazem isso. O Brasil perseguirá isso agora, daqui para frente, de forma sistemática. Inclusive, estamos também criando um programa que, diante de certas situações internacionais adversas, na área universitária, nós atrairíamos também pessoas e professores para dar aula no Brasil, através de uma chamada das nossas universidades.

Quero sempre destacar que isso não significa perda de oportunidades para os nossos professores. Pelo contrário, isso completa mas não substitui, só completa e atrai cérebros para o Brasil. No passado, o Brasil era um grande fornecedor de cérebros para fora, agora nós temos de ser um... nós temos essa condição, pela situação que o país passa, de atrair cérebros para o Brasil. Eu queria finalizar dizendo que esses elos, eles são fundamentais, e nós sabemos que o que sustenta também esses elos dessa política - que é o PAC, o Minha Casa, Minha Vida, o Brasil sem Miséria - é também uma visão de crescimento do Brasil com estabilidade econômica. Nós temos de crescer com estabilidade, com controle da inflação, robustez fiscal. Agora, temos de crescer e gerar emprego, porque nós não podemos conceber o Brasil parado, o Brasil sem a dinâmica da geração de oportunidades para milhões de brasileiros.

E sabemos que uma das fontes de geração de oportunidades, aqui no Nordeste, foi a valorização do salário-mínimo e foi a imensa capacidade de criação de empregos que até hoje a nossa economia evidencia. E isto será crucial daqui para frente.

Por isso, não tenham dúvida de que nós seremos capazes de defender a economia brasileira de todas as ameaças externas e internas. Eu estou me referindo à ameaça da inflação, por exemplo, que corrói a renda do trabalhador, que nós saberemos responder à altura.

E também queria encerrar falando para vocês uma coisa que eu considero muito importante: este programa Brasil sem Miséria, ele tem um foco, o foco é nos extremamente pobres, no Brasil inteiro. Mas nós sabemos que ele pode e vai fazer a diferença na região aqui, do Nordeste, ele fará a diferença.

Então, nós estamos focando e, por isso, é muito importante a contribuição dos senhores daqui para frente, é muito importante. Por exemplo, essa questão da primeira infância e do café da manhã. Nós temos de ser capazes de tornar específico o que melhora a solução nessa região. Nós não pretendemos, de forma alguma, trazer aqui um programa acabado, ele vai ser construído por cada um de nós e pela capacidade que nós tivermos de adaptar a realidade dos estados e dos municípios.

Agora, para isso, só tem uma solução: nós contamos com vocês. Nós contamos com os senhores governadores e com os senhores prefeitos. Sem os senhores governadores e os senhores prefeitos, nós não conseguiremos levar a cabo esse programa. Por isso, eu quero que vocês tenham certeza: para nós, este programa pertence a vocês. Nós somos parceiros, mas pertence a vocês. Eu agradeço a atenção e lamento, (incompreensível), que num programa Brasil sem Miséria, a Tereza Campello tenha deixado vocês todos passarem fome.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do encontro com governadores do Nordeste para a assinatura do Pacto pela Erradicação da Miséria

Na ocasião, a Presidenta Dilma fala sobre o Plano Brasil sem Miséria

Arapiraca-AL, 25 de julho de 2011

...Teotônio Vilela,

Cumprimentar os governadores Jaques Wagner, da Bahia; Eduardo Campos, de Pernambuco; Cid Gomes, do Ceará; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Wilson Martins, do Piauí; Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; Marcelo Déda, de Sergipe. O vice-governador do Maranhão, Washington Luiz de Oliveira.

Queria cumprimentar também os ministros presentes: Wagner Rossi, da Agricultura; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Alexandre Padilha, da Saúde; Fernando Bezerra, da Integração Nacional; Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário; Ideli Salvatti, de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Comunicação Social.

Gostaria também de saudar o deputado Fernando Toledo, presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas,

Senhoras e senhores senadores. E aqui eu cumprimento o senador Benedito de Lira.

Senhoras e senhores deputados federais aqui presentes,

Senhoras e senhores prefeitos e representantes das entidades municipalistas dos estados do Nordeste,

E eu queria cumprimentar as senhoras e senhores jornalistas,

E as senhoras e senhores.

Bom, eu estive aqui em fevereiro, e em fevereiro eu prometi que voltaria e lançaria, aqui no Nordeste, o programa Brasil sem Miséria. Nós sabemos que a miséria no Brasil sempre foi uma coisa que não constava da pauta política, era geralmente relegada a estudos de alguns poucos estudiosos, e não era considerada uma questão legítima.

A grande alteração que ocorreu no Brasil, a partir da chegada ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi que, a partir daquele momento, a miséria passou a fazer parte da prioridade da política pública no Brasil. E essa

prioridade, ela tem uma característica muito especial. Não é apenas uma questão ética, não é apenas uma questão moral, mas é a compreensão plena de que combater a miséria significa também levar o Brasil a se desenvolver de forma sustentável.

O Brasil acumulou um histórico de grandes realizações em um período recente. Os senhores governadores aqui presentes, todos foram protagonistas dessas transformações, participaram delas. E, como poucos países do mundo, o Brasil soube combinar essa questão fundamental, que é o resgate de milhões de brasileiros, com o desenvolvimento do seu mercado interno e com a redução da desigualdade.

Tem um dado que deve chamar nossa atenção pela importância dele: a pobreza extrema no Brasil, ela vem sendo reduzida sistematicamente a ponto de que - se a gente considerar o estudo da Fundação Getúlio Vargas que coloca, do início de 2003 até maio de 2011, uma elevação à classe média de 39,5 milhões de brasileiros e brasileiras - 39,5 milhões de brasileiros e brasileiras equivale a elevar às classes médias, retirar da condição de pobreza, uma Argentina, porque a Argentina tem uma população esperada de 41 milhões de pessoas agora para junho, julho. Significa então que, nesse período, o Brasil retirou da condição de pobreza quase 40 milhões de brasileiros, uma Argentina.

E, hoje, qual é a nossa meta? A nossa meta é olhar para isso e perceber que, apesar de ter sido uma grande vitória nossa, apesar de termos conseguido, juntos, a partir de 2003, esse feito, ainda restam 16 milhões - não é uma Argentina, mas é um Chile, equivale a um Chile -, 16 milhões de brasileiros que nós temos de tirar da miséria.

E por que o governo federal optou por lançar, nas diferentes regiões do Brasil, lançar a partir do Nordeste o programa Brasil sem Miséria? Porque desses 16 milhões de brasileiros que ainda vivem na extrema pobreza, 9,6 milhões estão aqui no Nordeste. E isso significa que, se nós quisermos desenvolver o Brasil, se nós quisermos que o Brasil dê um salto significativo, nós precisamos fazer com que esse salto comece aqui, no Nordeste do país. Aqui em Arapiraca, aqui em Alagoas, aqui no Nordeste.

Nós sabemos que a estratégia vitoriosa que permitiu que a gente tirasse da pobreza e elevasse às classes médias uma Argentina, a estratégia vitoriosa, ela tem um fundamento, e esse fundamento é que só se pode desenvolver países como o nosso se nós tivermos uma proposta de inclusão social que seja, também, uma proposta de inclusão produtiva e que seja, também, uma proposta de inclusão cidadã.

Eu quero abrir esta reunião colocando que para nós a inclusão produtiva, a inclusão nos serviços públicos, a inclusão na renda fazem parte dessa estratégia, que é a estratégia mais correta de levar desenvolvimento ao Brasil. Nós temos consciência de que não haverá desenvolvimento brasileiro, como nação, se não houver um processo de desconcentração econômica, de desconcentração logística, de desconcentração de recursos hídricos, de

desconcentração energética, mas, sobretudo, se isso não acarretar um processo efetivo de desconcentração da renda e de distribuição dessa renda para as camadas regionalmente mais pobres e socialmente mais pobres.

Eu queria destacar que, por isso, a nossa estratégia do Brasil sem Miséria tem um foco muito importante e prioritário nesta região do País. Nós não descansaremos e assumimos esse compromisso, de público, enquanto nós não conseguirmos fazer com que o povo do Nordeste, a população mais sofrida do Nordeste tenha uma perspectiva, um horizonte de oportunidades e possa, de fato, sair da situação ainda de miséria em que se encontra. Isso vale para todo o Brasil, mas, sobretudo, vale aqui para o Nordeste.

E aí, eu queria dizer que nós precisamos da parceria dos senhores prefeitos. Aproveito para, ao agradecer o prefeito de Arapiraca por esta oportunidade, o prefeito Luciano Barbosa, falar para cada um dos prefeitos e dizer que o programa Brasil sem Miséria tem nos prefeitos os seus grandes protagonistas. Agradecer também a presença dos governadores e dizer que sem os governadores esse programa também não dará o saldo que nós queremos que dê até 2014.

No programa Brasil sem Miséria nós dialogamos com as mais diferentes realidades. A miséria rural é diferente da miséria urbana e as características regionais da miséria no Brasil, nós vamos ter de enfrentar, se queremos resolvê-la. Por isso, eu considero muito importante também estar aqui lançando alguns programas.

A questão da água, que é crucial para o Nordeste crescer; a questão da água, que é crucial para que a gente encare o problema do semiárido. É evidente que tem soluções estruturantes como a transposição do São Francisco, como o Canal do Sertão alagoano, como tantas outras barragens e tantos outros tratamentos mais infraestruturais, industriais da água que nós temos de fazer aqui na região.

Mas eu quero me referir à água para a população mais sofrida do semiárido, à água que vai chegar até a população através das cisternas, através dos sistemas de abastecimento mais simplificados. Nós estamos também, hoje, lançando aqui esse programa, que é o Água para Todos. O Brasil teve um grande sucesso com o programa Luz para Todos. Através dele nós levamos água [luz] para milhões de brasileiros. Mas agora nós temos esse objetivo, e o nosso objetivo, especificamente, é trazer 750 mil cisternas até o ano que vem. Para isso, nós vamos envolver não só essa parceria, que para nós é fundamental, com os governadores, mas também nós vamos colocar toda a administração federal para ajudar. Então, passará a fazer parte do programa Água para Todos o Banco do Nordeste, passará a fazer parte do programa Água para Todos o Banco do Brasil e as suas estruturas. Isso significa que nós, de fato, queremos encarar o desafio de, até 2012, conseguirmos realizar 750 mil cisternas.

E queremos também ter um programa exemplar, no que se refere à mudança de parâmetro do agricultor familiar mais pobre do país. Queremos, usando

sementes, distribuição de sementes, assistência técnica; esse instrumento poderoso que os senhores conhecem, que é o Programa de Aquisição de Alimentos; fazendo também um desafio com os supermercados privados e enfrentando esse desafio em conjunto, que é o desafio, sobretudo, de como, da produção, você chega à distribuição e ao supermercado; E um terceiro desafio, que é transformar, de fato, o potencial que existe da merenda escolar em demanda para a agricultura familiar mais pobre. Hoje, o governo federal torna disponível, aqui na região, aproximadamente [R\$] 1 bilhão para toda a compra de merenda escolar. Nós queremos que uma parte expressiva desse R\$ 1 bilhão possa ser absorvida pela agricultura familiar.

Nós queremos transformar a marca Brasil sem Miséria e Agricultura Familiar Desenvolvida numa marca que fará a diferença nas gôndolas dos supermercados. E se brasileiras e brasileiros, cidadãos brasileiros, se dispuserem a de fato enfrentar e encarar esse imenso desafio que é ultrapassar a extrema miséria em nosso país, eles poderão contribuir escolhendo esses produtos das gôndolas. Eles poderão participar, usando o seu poder de compra e privilegiando essa agricultura.

Muitas outras coisas serão faladas aqui. Nós, mesmo na área de políticas sociais, como saúde e educação, nós estamos fazendo um corte e privilegiando a população extremamente pobre. Isso se dará nas unidades básicas de saúde, se dará nas creches, se dará no fato de que é uma imensa segregação quando a pessoa não tem dente e, portanto, tem imensa dificuldade de se colocar no mercado de trabalho. Tudo isso nós enfrentaremos, colocando um corte em todos os nossos programas sociais que tenham por objetivo contemplar essa população mais pobre.

A ministra Tereza Campello, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, esclarecerão mais aspectos que nós gostaríamos de enfatizar. Mas eu quero dizer para os governadores, sobretudo pelo fato de que, sem sombra de dúvida, o Brasil foi contemplado com uma geração de governadores de alta qualidade, aqui no Nordeste, que nós temos esse desafio. Nós podemos fazer a diferença nesses quatro anos. E fazer a diferença significa, concretamente, colocar todo o nosso esforço, colocar todo o nosso empenho, colocar toda a nossa preocupação, e fazer com que esses 16 milhões de pessoas sejam, de fato, objeto focado da nossa política. E o Brasil sem Miséria começa com o Nordeste sem miséria, e termina também com o fato de que o Nordeste sem miséria é, sem sombra de dúvida, a certeza de que o Brasil é um país mais justo, é uma nação mais forte e, sobretudo, é uma sociedade mais igual.

Eu queria agradecer e lembrar que em fevereiro eu estive aqui e nossa pauta era “por um novo Nordeste”. Eu tenho certeza de que o primeiro item da nossa pauta “por um novo Nordeste” começa por um Nordeste sem miséria e avança em direção “por um Nordeste com inovação, ciência e tecnologia”, “por um Nordeste com educação”, “por um Nordeste com mais infraestrutura”, por um Nordeste, enfim, com mais esperança.

Quando nós pactuarmos, que é a nossa proposta, o mapa de oportunidades, eu tenho certeza de que o que estará nos nossos corações e nas nossas

cabeças é o fato de que nós queremos também um país que seja um país em que nós tenhamos orgulho de viver. E para a gente ter orgulho de viver em um país como o nosso, que tem tantas riquezas naturais, que tem tantas possibilidades, que tem uma agricultura sofisticada, uma indústria sofisticada, nós precisamos de ter 190 milhões de homens e mulheres com dignidade na sua vida cotidiana.

Obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na 38ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)

Na ocasião, foi apresentado o panorama da economia brasileira e apresentado o Ciência sem Fronteiras, que concederá 100 mil bolsas de intercâmbio para estudos diversos níveis de estudo

Palácio do Planalto, 26 de julho de 2011

Queria cumprimentar os senhores conselheiros e as senhoras conselheiras,

Cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes: o ministro Moreira Franco, da Secretaria de Assuntos Estratégicos e secretário executivo do CDES; a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; o ministro Guido Mantega, da Fazenda; o ministro interino das Relações Exteriores, Ruy Nogueira; o ministro interino da Educação, José Henrique Paim; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social; o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministro Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia; ministro José Elito Carvalho Siqueira, do Gabinete de Segurança Institucional; ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; Alexandre Tombini, presidente do Banco Central; ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos; ministra Helena, da Secretaria de Comunicação,

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras integrantes do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, cumprimentando o Antoninho Trevisan, presidente das empresas Trevisan, que prestou aqui um relato do grupo de Ciência e Tecnologia.

Também os conselheiros que pediram a palavra. Cumprimentar Antonio Gil, da Associação Brasileira das Empresas de Software; José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares; Sérgio Reze, presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores; Moacyr Auersvald, secretário da Nova Central Sindical; Maurilio Biagi, representando aqui a Unica; Fábio Barbosa, presidente do Santander do Brasil e ex-presidente da Febraban; Naomar Monteiro, professor e ex-reitor da Universidade Federal da Bahia; Paulo Simão, presidente da Câmara [CBIC].

Cumprimentar aqui os senhores e as senhoras jornalistas, cinegrafistas, fotógrafos,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que, pela segunda vez, eu me dirijo ao Conselho. Desta vez numa pauta muito importante, que é esta pauta do Pronatec, porque, na verdade o Brasil sem Fronteiras [Ciência sem Fronteiras] é uma etapa do Pronatec, o programa nacional de tecnologia e emprego [Programa Nacional

de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego], que tem uma proposta de formação, e uma proposta de formação no sentido de que o Brasil precisa dar um salto na área da inovação. E para dar um salto na área da inovação, ele tem de dar esse salto na área da ciência, da tecnologia e, obviamente, do emprego. E uma coisa depende da outra.

Eu queria dizer que, quando nós concebemos o Pronatec, o que estava em questão era o fato de que necessitávamos de capacitar a mão de obra para superar os gargalos produzidos pelo crescimento dos últimos oito anos do período do governo do presidente Lula. Mas nós não elaboramos o Pronatec só com essa visão de curto prazo. Nós elaboramos o Pronatec com vistas, também, em um horizonte futuro, numa visão de futuro em que o Brasil tinha de entrar na trilha da sua qualificação, no que se refere à agregação de valor aqui dentro do país, para que nós pudéssemos qualificar a nossa mão de obra e dar um salto em direção à economia do conhecimento. E, ao mesmo tempo, nos proteger da forma que é a melhor possível: através do aumento da nossa competição, das nossas qualificações e da busca de sanar as deficiências que a gente avaliava que existiam na formação que tanto o setor privado como o público forneciam no Brasil.

Mas esse programa, ele se insere no grande esforço feito no período anterior – quando voltou-se a criar escolas técnicas no Brasil e se retomou a qualificação das nossas universidades, que tinham sofrido um processo de sucateamento –, não só reforçando as universidades, mas apoiando o processo de interiorização dessas universidades e construindo um programa de inclusão de estudantes brasileiros nas escolas públicas e nas escolas privadas, de que o ProUni é uma das melhores expressões.

Bom, eu prometi a vocês, da última vez em que eu estive aqui, que nós iríamos enfrentar esses desafios. Uma das formas de enfrentar esse desafio dentro desse grande guarda-chuva, que é o programa nacional de tecnologia e emprego [Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego], o Pronatec, foi o Ciência sem Fronteiras. E o Ciência sem Fronteiras, ele buscava solucionar um problema imediato do Brasil, que era a constatação que, em termos... por qualquer critério que se olhe, nós formamos mais pessoas para Humanidades do que para as Ciências Exatas, principalmente Engenharia.

Constatar isso não é desprezar, de forma alguma, as Humanidades, das quais até muitos de nós somos originários, mas significa olhar para além de nós e perceber que, para o Brasil, formar jovens na área de Ciências Exatas é fundamental: na área das Engenharias, da Física, Química, Biologia, das Ciências da Saúde. Enfim, dar uma ênfase especial a uma parte em que o Brasil tem de reconhecer que tem falhas e fraquezas, e se a gente as reconhece, nós damos um passo em direção ao fortalecimento.

Por isso é que o foco desse programa está nas Áreas Exatas. Isto não significa nenhuma diminuição da importância das Humanidades na formação de uma pessoa ou de uma sociedade. Pelo contrário, significa que o Brasil, ele tem de reequilibrar, ele tem de voltar a olhar para as Ciências Exatas e formar as

peças nessa área, para poder criar. É por isso que nós damos tanta importância à Olimpíada de Matemática, porque ela é uma afirmação de que a Matemática, assim como o domínio da língua, são essenciais para se produzir ciência em qualquer lugar do mundo.

Assim sendo, o Ministério da Educação, através do ministro Haddad e do secretário Paim, e o Ministério da Ciência e Tecnologia, junto com o CNPq, e o Ministério da Educação, junto com a Capes, formataram o programa Ciência sem Fronteiras. Quando nós formatamos o programa Ciência sem Fronteiras, nós tínhamos de enfatizar o mérito, sim. Por quê? Porque nós queremos formar a base inicial, que vai ter acúmulo suficiente para garantir que o país possa continuar, aqui dentro, gerando todos os conhecimentos e os instrumentos e as técnicas. O mérito é crucial, mas o mérito, no Brasil, já está combinado com outros fatores. O mérito que nós escolhemos foi qual? Foi o de uma prova, que é a prova que o MEC aplica nas universidades, em dois sistemas: um no Sisu, que é o Sistema de Seleção Unificada, que contempla vagas de acesso ao ensino público; e o outro, o ProUni, que é o sistema de acesso que contempla vagas privadas no ensino privado. Ambos são Enem.

No caso do ProUni, há prova concreta de que as pessoas de baixa renda são capazes de ter um desempenho extraordinário no ensino universitário. Tanto é que se a gente considerar os alunos com nota acima de 600 pontos, que é o que o ministro Mercadante mencionou para vocês, pelo ProUni, hoje, nós teríamos a possibilidade de ter um universo de 53 mil alunos para selecionar. Pelo Sisu, que é o sistema unificado do ensino público, nos teríamos 71 mil alunos, em um total de 124 mil alunos. O que implica que nós temos um excedente de alunos, o que pode permitir que nós equilibremos esses alunos – esses 124 mil – em dois critérios, porque essa é só a primeira seleção. Esse é o universo do qual sairão, por mérito, alunos que têm uma representação geográfica nacional em cada região, em cada estado. Nós verificamos isso. Há representação nos 27 estados da Federação e há a representação bem qualificada do que é o que está hoje no ensino universitário brasileiro, em condições de participar desse processo.

Aí, a partir desse primeiro critério de mérito, nós teremos de aplicar outros critérios que podem contemplar toda a questão relativa a gênero, à questão étnica, enfim, nós podemos ter vários critérios. Agora, a questão do mérito é essencial, sem o que, nós não temos como implementar o projeto. Não há nenhum demérito em ter uma política de mérito. Política de mérito, no Brasil, está provado que pode contemplar as camadas mais pobres da população, porque senão o desempenho e a visão preconceituosa contra o ProUni não teriam se mostrado inteiramente falsos. E o ProUni mostrou que o desempenho, no Enem, dos selecionados para o ProUni era absolutamente adequado, pelos parâmetros existentes.

Assim sendo, eu acredito que é muito importante que a gente entenda porque essa iniciativa do Ciência sem Fronteiras, ela é crucial para o futuro. Ela é crucial para o futuro, primeiro, porque nós temos hoje no Brasil essa deficiência. E essa deficiência, é necessário que nós tomemos uma medida bem forte para saná-la, até evidenciando para a sociedade que formar em

Engenharia não é só para trabalhar... eu não estou falando isso em detrimento dos bancos, mas não é só para trabalhar na tesouraria dos bancos ou das grandes empresas, como foi ao longo dos anos 90, em que engenheiro não tinha como fazer projeto, não tinha como trabalhar em nenhuma outra área. Não tinha emprego, vamos dizer com toda a sinceridade.

Hoje nós não só precisamos dos engenheiros nas tesourarias dos grandes bancos e das grandes empresas, mas precisamos dos engenheiros para fazer projetos, para fazer a infraestrutura do país, mas precisamos, sobretudo, também, em área de pesquisa; precisamos, para que seja possível a inovação, para que seja possível uma inovação de forma generalizada no Brasil.

Com esse projeto, nós não estamos dizendo que é automático, que nós vamos formar 75 mil cientistas individuais ou 75 mil "Einsteins". Nós estamos dizendo o seguinte: nós vamos formar a base de pensamento educacional do país, porque a nossa expectativa é que eles voltem e se integrem à universidade, se integrem às suas empresas e transformem, com a sua capacidade e a sua formação, as condições de produção, de geração de conhecimento e de inovação no Brasil. E nós temos, sim, de dar um passo.

Eu acho que não basta fazer... eu entendo a importância de fazer textos, acho que ela é inequívoca, não é? Na minha área, não é, Mercadante, na sua área, porque somos economistas, talvez o texto seja a única arma. Mas na área da ciência e da tecnologia, o texto não é, necessariamente, a única arma, e não é só o texto o indicador confiável.

Portanto, eu acredito que ter um processo de incentivo a aquele pesquisador, tanto em um instituto universitário, como em qualquer instituto de pesquisa que seja capaz de gerar patente, é algo muito importante. Não é o único, se combina com outros, mas que nós estejamos atentos para esse fato é crucial.

Sobretudo, eu acredito que o Brasil sem Fronteiras [Ciência sem Fronteiras], ele articula duas agendas fundamentais para o Brasil: a agenda da educação com a agenda da inovação. E daí, os ministros Mercadante, Haddad e Paim estão de parabéns porque, de fato, foi possível através desse esforço também fazer essa articulação intragovernamental, porque ela é essencial – a articulação entre a educação e a inovação.

Este caminho que nós estamos trilhando, foi muito bem lembrado, ele já foi percorrido por outros países, ele é percorrido hoje por outros países. Eu não me lembro mais o conselheiro que lembrou como é desproporcional a presença de alunos de origem de países asiáticos vis-à-vis ao Brasil.

Eu quero, novamente, enfatizar três aspectos do Ciência sem Fronteiras que eu considero muito importantes: primeiro, nós não estamos fazendo um programa baseado no "quem indica". Nós estamos criando no Brasil ações orientadas pelo mérito, dentro de um quadro de um grande esforço de garantir que as populações mais pobres deste país tivessem acesso ao mérito. E isso, para nós, é muito importante, para todos nós do país. Todos vão ter de ter nota

acima de 600 no Enem, e daremos especial atenção aos alunos ganhadores de Olimpíadas, notadamente, da Olimpíada de Matemática.

Nós não queremos apenas que jovens talentos brasileiros estudem no exterior. Queremos que eles estudem nas melhores escolas, em cada área. Esse é um critério muito importante, por isso o Mercadante o enfatizou. Nós escolhemos as 50 escolas pelo ranking existente. Se houver um outro ranking, nós consideraremos o outro ranking.

Nós vamos – e aí é o segundo aspecto –, nós vamos escolher áreas do conhecimento que interessam ao Brasil, que são essenciais para o desenvolvimento próximo do país. O terceiro é que nós vamos cuidar da representação étnica, social, regional. Não é possível que no Brasil cada região não tenha a sua representação, porque o desenvolvimento regional, nessa área, é fundamental para o país. Eu sei que os conselheiros do CDES se dedicaram com afinco a essa discussão. Então, eu agradeço por isso. E, por isso, nós viemos aqui apresentar o programa de forma acabada, em primeira mão.

Eu espero contar com a participação de todos. Eu fico agradecida a todos os apoios aqui presentes. Mas eu acho que nós temos de demonstrar... e aí é um desafio para o setor privado, especialmente para a Febraban, viu, Murilo Portugal. Eu falo no Murilo Portugal porque ele já esteve na Secretaria do Tesouro e ele sabe perfeitamente o que é o esforço, para um país como o Brasil, de destinar R\$ 3,1 bilhões para este programa. Eu acho que era importante a participação do setor privado.

Por isso eu quero dizer aqui, de público, que eu considero extremamente pertinente a sugestão de um comitê gestor público-privado para o Brasil sem Fronteiras [Ciência sem Fronteiras]. Acho que é democrático e, mais do que isso, é importante porque refletirá, de forma mais clara, as disposições do governo e dos segmentos da sociedade.

Queria também dizer para vocês que o Brasil hoje tem, nesse programa, um dos construtores do seu futuro. E aí eu gostaria de encerrar com uma frase do Celso Furtado, para quem “o futuro deve ser uma fronteira aberta à invenção do homem”. Eu acho que este programa é isso. Nós esperamos que os 75 mil, no caso da parte pública do programa, e espero que os 25 mil da parte privada – brasileiros e brasileiras – sejam, de fato, construtores dessa invenção de futuro para o Brasil.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na reunião extraordinária da Unasul

Na ocasião, a Presidenta Dilma comenta, dentre outros assuntos, sobre a posse do presidente do Peru, Ollanta Humala

Lima-Peru, 28 de julho de 2011

Boa tarde a todos.

Queria dirigir uma saudação especial e os meus parabéns ao presidente da República do Peru, senhor Ollanta Humala, e dizer que todos nós, aqui, estamos extremamente comovidos e também motivados pela eleição de um líder do porte do presidente Ollanta para a República do Peru.

Participamos hoje, desde a manhã, da cerimônia e, de fato, podemos dizer que esta reunião coroa mais um passo desta região do mundo em direção à democracia, em direção ao desenvolvimento com inclusão social.

Queria cumprimentar também a nossa querida presidenta da nação argentina, senhora Cristina Kirchner,

Queria cumprimentar o presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, senhor Evo Morales,

Queria cumprimentar o presidente da República do Chile, senhor Sebastián Piñera,

Queria cumprimentar o senhor Juan Manuel Santos, presidente da República da Colômbia,

O senhor Rafael Correa, presidente da República do Equador,

O senhor Desiré Bouterse, presidente da República do Suriname,

Senhor José Mujica, presidente da República Oriental do Uruguai,

Senhora Carolyn Rodrigues, ministra das Relações Exteriores da Guiana,

Senhor Jorge Lara Castro, ministro das Relações Exteriores do Paraguai,

Senhor Nicolás Maduro, ministro das Relações Exteriores da Venezuela,

Neste momento aproveito para desejar muita saúde ao nosso querido presidente Chávez,

Senhora María Emma Mejía, secretária-geral da Unasul,

Senhoras e senhores integrantes das delegações,

Senhoras e senhores,

Colegas presidentes e presidenta,

Esta reunião extraordinária da Unasul se realiza sob um signo muito positivo, como eu já disse. Coincide com a posse do nosso amigo Ollanta Humala como presidente do Peru. Humala é um governante, sem sombra de dúvida, sintonizado com a nova fase que vive a América do Sul. Ele conduzirá o seu país para esse período de crescimento e de equilíbrio macroeconômico, mas também incorporando à ação governamental um forte compromisso e uma forte iniciativa social. Nós queremos incluir e nós queremos crescer e incluir para as nossas populações, preservando os seus interesses e preservando as suas capacidades.

Nós não queremos uma integração na qual algum país possa se impor sobre os demais pelas dimensões de seu território, de sua população ou pelo tamanho do seu Produto Interno Bruto, como, ao longo da história internacional, sistematicamente fizeram conosco.

Sabemos hoje que temos de conceber e implementar políticas públicas voltadas para os segmentos mais vulneráveis. Nós, que temos um compromisso com o combate à pobreza extrema, sabemos que isso requer vultosos investimentos na área social, tendo como objetivo a universalização de serviços essenciais, como os de saúde, educação e previdência. Esse desígnio, eu tenho certeza, orienta as ações dos governos e dos países da região.

Já obtivemos resultados concretos. Segundo um estudo elaborado pela Cepal, com o apoio da Unasul, nossos países alcançaram, em 2009, as taxas mais reduzidas de pobreza e de indigência desde [19]90, comparando nós conosco mesmos: 32,13%, respectivamente. O estudo aponta vigorosa redução do índice regional de pobreza entre 2003 e 2009, fato que se atribui à presença de “governos mais democráticos e representativos das camadas menos favorecidas”.

Por isso que quando um governo mais comprometido, um governo democrático mais comprometido com as camadas menos favorecidas aparece no horizonte político da América do Sul, nós temos de saudá-lo, senhor presidente Ollanta.

O estudo da Cepal e da Unasul registra aumento significativo, também, da decisão política expressa no aumento do gasto público social, porque o gasto público social, ele não cresce espontaneamente. Ele cresce pela decisão política dos agentes políticos eleitos pelo povo, de assim decidir. Os países da América do Sul investiram, em média, 15% do Produto Interno Bruto nos anos de 2008 e 2009. Nós, hoje, podemos até considerar que esses valores sejam

expressivos na nossa América Latina, dada a nossa retrospectiva histórica. No entanto, eu tenho certeza de que podemos fazer mais.

Com esse fim, achando que sempre podemos fazer mais, eu lancei o programa Brasil sem Miséria, que define o apoio governamental ativo aos 16 milhões de brasileiros ainda situados no último escalão da pirâmide social, ou seja, aqueles que não conseguem se ajudar por si próprios, numa economia de mercado como é a brasileira.

Quase metade dos nossos pobres vive em áreas rurais. Programas de abastecimento de água, que garantam água para todos eles, conjugados com a irrigação de áreas do semiárido, com programas habitacionais, com programas de renda, como o Bolsa Família, com a criação de unidades de saúde básica, com acesso à educação, com o complemento da universalização da energia elétrica, podem e vão resgatar um contingente que tem sido, sistematicamente, marginalizado. É nossa determinação tirar 16 milhões de brasileiros da pobreza extrema. Sabemos que podemos fazer, porque nos últimos oito anos do governo do presidente Lula nós tiramos 39,5 milhões de brasileiros da pobreza extrema e elevamos para a classe média.

Essa é uma tarefa coletiva. A Unasul constitui espaço privilegiado no qual nós, do governo brasileiro, queremos escutar e aprender. Aqui nós vamos compartilhar experiências bem-sucedidas. Aqui nós podemos também debater as nossas angústias e ansiedades do que ocorre no mundo.

Eu tenho certeza de que a Unasul é, talvez, o melhor fórum para a promoção de modelos de democracia inclusiva. Acho que na nossa região nós temos que compartilhar o que nós todos construímos e conquistamos em cada uma das nações.

É, portanto, especialmente oportuna a proposta do presidente Humala de desenvolvermos, em nossa União [Unasul], um plano estratégico e uma agenda de ações prioritárias na área social. Apoiamos a proposta e a iniciativa do presidente Humala, que poderá ser aprofundada, acredito, na reunião de Cuzco.

Nessa caminhada precisamos ter bem presente a dimensão econômica da integração. Não podemos incorrer no erro de comprometer tudo o que conquistamos, não porque quiséssemos ou por erros que cometêssemos, mas por conta dos efeitos de uma conjuntura internacional desequilibrada que estamos enfrentando.

Acredito, portanto, que uma outra iniciativa... – e outros presidentes já, inclusive, me disseram que vão propor hoje aqui – acredito que devemos também ter reuniões periódicas sobre a questão de como enfrentar esta nova etapa da situação internacional, que se caracteriza pela não superação, pelos países desenvolvidos, da crise de 2008, de políticas econômicas e de políticas de disputa que colocam o mundo à beira de situações muito, eu diria, precárias. Temos de nos defender do imenso, do fantástico, do extraordinário

mar de liquidez que se dirige para as nossas economias, buscando a rentabilidade que não tem nas suas.

Quero também destacar, mais uma vez, o fato de que a capacidade ociosa, não só na Ásia, mas em todos os países do mundo, no que se refere a produtos industriais, está alagando nossos países com produtos importados. Tudo isso deve merecer, da nossa parte, avaliação sistemática e medidas que possam tornar a região um local mais protegido por essas avalanches.

Acho que não podemos incorrer no erro de comprometer todos os ganhos das nossas políticas sociais, tirando com uma mão o que procuramos dar com a outra. Por isso, também temos de discutir o que acontece diante de acirramentos da situação internacional. Temos de enfrentar os desequilíbrios cambiais que dificultam a competitividade extrarregional de nossos bens e serviços.

E gostaria de dizer que devemos seguir trabalhando em favor da ampliação de nossas trocas, investimentos recíprocos. Devemos estabelecer modalidades consistentes de financiamento a exportações, devemos desenvolver convênios de crédito recíprocos, aperfeiçoar meios para superar barreiras pontuais. Enfim, avançando na integração física, energética, logística, e na cooperação na área de ciência e tecnologia.

Amigos e amiga Presidenta,

O projeto integracionista é solidário e busca consolidar a América do Sul como uma zona de cooperação e desenvolvimento. Felizmente, nós construímos este fórum, e pela maturidade que ele representa, eu me congratulo com todos aqueles que estiveram aqui na sua construção, no momento inicial do surgimento da Unasul.

Gostaria de parabenizar a Unasul e os governantes, e destacar a importância das comissões temáticas da Unasul e dos órgãos da Unasul para o encaminhamento de uma agenda comum em várias áreas, por exemplo, a de defesa e de combate ao crime organizado. Congratulo-me com o governo argentino, a propósito, pelos avanços na implementação do Centro de Estudos Estratégicos de Defesa, com sede em Buenos Aires. Criamos uma Secretaria Técnica Unasul-Haiti, que mostra o nosso compromisso com a recuperação do país irmão. Decidimos que estaremos aptos a enviar, regularmente, missões de observação eleitoral – de composição sul-americana – a ser decidido caso a caso. É o desdobramento natural do compromisso consagrado na cláusula democrática da Unasul, a que aderimos em Georgetown. Apoio a criação de um Conselho Sul-Americano de Observação Eleitoral, no âmbito do qual intensificaremos a troca de experiências e o (incompreensível), a transparência em nossas eleições, em defesa de processos de aprimoramento democrático. Há dias inauguramos no Rio de Janeiro o Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde.

Cara Presidenta e caros presidentes,

Não devemos subestimar os desafios. Mas é importante reconhecer e valorizar sempre as nossas realizações comuns, que são significativas. Precisamos manter nas melhores condições, também, nossas relações bilaterais, baseadas no respeito mútuo entre países soberanos e independentes, sem descuidar de outros mecanismos importantes como o Mercosul e a Comunidade Andina. Cuidemos também de nossa identidade comum mais ampla, que é latino-americana e caribenha.

Neste sentido, proponho que a Unasul reitere apoio à Venezuela na realização da Conferência de Cúpula que marcará o início dos trabalhos formais da Celac [Comunidade dos Estados Latinoamericanos e Caribenhos].

Concluo reafirmando os votos de êxito que formulamos ao presidente Ollanta Humala, nosso anfitrião. Saiba, Presidente, que poderá contar sempre com o Brasil. Estou certa do apoio de todos os demais países aqui representados. Nós chegamos e criamos a Unasul. A partir daí, somos uma família sul-americana. Seja o senhor, Presidente, a ela muito bem-vindo.

Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com a delegação brasileira dos medalhistas dos 5º Jogos Mundiais Militares Rio 2011

Presidenta Dilma recebeu a delegação dos medalhistas brasileiros dos 5º Jogos Mundiais Militares, realizados entre os dias 16 e 24 de julho deste ano, no Rio de Janeiro (RJ). O encontro aconteceu no Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 29 de julho de 2011

Olha, eu queria, primeiro, agradecer a todos os medalhistas de ouro, de prata e de bronze, que trouxeram para nós essa vitória, a primeira vitória do Brasil numa Olimpíada Militar – mas numa Olimpíada –, e isso é muito significativo porque mostra a capacidade de cada um de vocês de superar, porque treinar é uma coisa difícil, é um desafio que vocês conseguem enfrentar e vencer.

Então, eu vejo aqui uma história de sucesso, desde a nossa goleadora – que disse que eles deixaram a oportunidade e ela foi lá e pegou – até cada um dos esportes individuais, que são os contundidos ali, com o braço quebrado e o dedo quebrado, todo o esforço feito por vocês. Agora, é fantástica a qualidade da Olimpíada, não só a qualidade dos jogos, mas da apresentação, também, do Brasil.

Então, eu queria cumprimentar o Abel pela abertura, pelo bom gosto da abertura, a brasilidade da abertura, e é visível que foi feito com muito amor porque, de fato, com aquela qualidade, tinha de ser feito com muito amor, Abel.

Então eu queria agradecer a todos vocês por isso que vocês deram ao país – vocês deram um exemplo de luta, um exemplo de dedicação e de sucesso, o que mostra que, quando a gente persiste, insiste e não desiste, a gente ganha. E acho que vocês estão de parabéns. Estão de parabéns também as Forças Armadas, pela qualidade da organização.

Eu queria cumprimentar todos os oficiais, o senhor Coronel...

_____ : (incompreensível)

Presidenta: E tem o ... Não é o almirante Gambôa?

_____ : Do Comitê de Planejamento Operacional.

Presidenta: Ah, é o... Parabéns.

_____ : Muito obrigado.

Presidenta: Meus parabéns, meus parabéns. Acho que foi uma demonstração de trabalho de equipe...

_____ : Sem dúvida.

Presidenta: ...e em trabalho de equipe todo mundo joga junto, não é? E alguns recebem a medalha em nome de todos.

Então, eu queria dizer que é um momento importante para o Brasil, e mostra que nós podemos, sim, fazer uma boa Copa do Mundo e uma boa Olimpíada. Vocês deram o exemplo, vocês vão contribuir, eu espero, para a Copa e para a Olimpíada, e eles, sem dúvida nenhuma, vão estar entre os atletas que vão participar da Olimpíada, eu tenho certeza disso. E faz parte da missão do governo ajudar vocês a chegarem lá.

Muito obrigado a todos. Quero falar para vocês que, de fato, é um momento muito importante para o país. Obrigado e boa sorte, sucesso para todo mundo aqui, várias outras medalhas.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço em homenagem à presidenta da Argentina, Cristina Kirchner

O evento aconteceu no Palácio Itamaraty

Palácio Itamaraty, 29 de julho de 2011

Obs: Por falha técnica, não foi gravado o início do discurso.

...toda a delegação argentina, ao cumprimentar o embaixador Héctor Timerman, ministro das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina. E, através dele, reitero meus cumprimentos aos integrantes da delegação.

Queria cumprimentar o embaixador Antonio Patriota, ministro de Estado das Relações Exteriores, por intermédio de quem cumprimento todos os integrantes e ministros aqui presentes.

Queria também cumprimentar os senhores e as senhoras embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Os senadores Ana Amélia Lemos e Cristovam Buarque,

Os deputados federais Arnaldo Jardim, Edson Silva, Márcio Costa Machado, Márcio Reinaldo Pereira e Roberto Policarpo Fagundes,

Cumprimentar os nossos representantes dos setores empresarial e acadêmico do Brasil e da Argentina aqui presentes,

Queria cumprimentar a nossa imprensa aqui presente, os nossos cinegrafistas, os nossos fotógrafos,

Senhoras e senhores,

Eu quero reiterar meus votos de boas-vindas que eu já expressei hoje para a presidenta Cristina Fernández de Kirchner, que nos honra com a sua presença aqui no Brasil.

Nós, nos últimos anos, a partir do governo do presidente Lula e do presidente Néstor Kirchner, o Brasil e a Argentina desenvolveram relações extremamente próximas, fraternas, eu diria, e pautadas por um imenso respeito mútuo e, sobretudo, pela consciência da importância que os dois países têm, um para o outro. Por isso, a visita da presidenta Cristina Kirchner sempre se revestirá de um caráter especial quando vier ao Brasil, e agora mais do que nunca. Daqui a pouco nós estaremos presenciando a inauguração das novas instalações da Embaixada da Argentina aqui no Brasil.

Querida presidenta Cristina,

Nossos países mudaram muito, ao longo das últimas décadas, e eu tenho certeza de que mudaram para melhor. Nossas sociedades se democratizaram, nossas instituições se consolidaram. Tanto o Brasil quanto a Argentina superaram graves crises que se abateram sobre o continente, aquele continente até há pouco estagnado, paralisado e um local de desigualdades.

Nós fizemos um grande esforço: nós reduzimos nossa vulnerabilidade internacional, implementamos políticas externas soberanas, fortalecemos e privilegiamos a integração do Mercosul e, cada, vez mais, estabelecemos uma relação dinâmica com os países desta região e do hemisfério Sul.

No G-20, não expressamos apenas os interesses nacionais de nossos países, mas a voz de todos aqueles que são penalizados por uma globalização assimétrica e injusta. O próprio sentido do G-20 é a afirmação da necessidade de uma mudança em relação ao que era o mundo na época do G-7 ou do G-8, ou seja, dos “G” menores.

Nós temos certeza de que o resultado dessas transformações é que tanto o Brasil quanto a Argentina ganharam em qualidade. O processo democrático que passamos a viver intensamente inaugurou um círculo virtuoso de nosso relacionamento, no qual as pretéritas noções de rivalidade que tentaram sistematicamente estabelecer entre nós, e muito fomentadas no passado, foram completamente substituídas pela lógica da integração. Se impediam sistematicamente a integração de infraestruturas físicas, como é o caso das bitolas diferentes nas ferrovias, e é o caso também dos ciclos diferentes na área de energia elétrica, hoje nós entramos em fase de [integração] entre o Brasil e a Argentina, não por uma questão física apenas, mas pela vontade política e pela deliberada procura de uma relação de cooperação cada vez maior. E, sobretudo, da consciência de um conceito: nós somos sócios de um mesmo projeto de desenvolvimento da América do Sul. Somos sócios com uma característica especial: nós fazemos parte deste mundo globalizado, e sabemos que viver nele implica, necessariamente, perceber quando as assimetrias tradicionais e históricas recaem sobre nós e tentam reproduzir processos passados que nós superamos.

Com nosso esforço ao longo da história, com idas e vindas, somos países que - apesar da sua imensa riqueza mineral, apesar da sua riqueza em petróleo, apesar da sua riqueza agrícola, que todos nós reconhecemos e vamos sistematicamente aprofundar - nos industrializamos. Nós conseguimos esse feito, que foi: países periféricos que se industrializaram. Nós jamais perderemos essas conquistas que tivemos e que vêm do passado, do século passado e do retrasado, de alguma forma, para o Brasil e a Argentina.

Mas, nós fizemos, por nós mesmos, conquistas nesses últimos anos e delas temos de ter muito orgulho. Primeiro, temos, de fato, uma estratégia vitoriosa de desenvolvimento que consiste em perceber que é fundamental para qualquer processo de constituição de países fortes a existência de uma

inclusão social nos ganhos do desenvolvimento, não só nos serviços de saúde, segurança e educação, mas, sobretudo, porque percebemos claramente que um dos maiores fatores de desenvolvimento de todos os países, ao longo da sua história - e quando esse desenvolvimento é sustentável - é a incorporação da sua população como cidadãos. E na nossa época não há cidadania sem instituir a condição de consumidor, não há cidadania sem criarmos oportunidades.

Se muitos países do mundo estão involuindo porque aumentam sua desigualdade, nós não. Nós estamos avançando. Porque, ao construirmos essa sociedade mais igual criamos, também, uma força econômica dentro dos nossos países, que é a força econômica que nos sustentou quando veio a crise internacional em 2008 e 2009.

Pois bem, hoje nós estamos em um momento em que a América Latina tem uma situação econômica, social e política diferenciada. Aqui, nós temos direção. Isso significa que nós temos um caminho a percorrer. É esse o caminho que nós temos muito claro entre Brasil e Argentina. Entre nós, o caminho só pode ser o caminho da cooperação. É perceber que, em que pesem todos os problemas eventuais que podemos ter, eles não passam disso – problemas eventuais. Porque o que nós temos de construir é a capacidade de transformar as nossas cadeias produtivas, nos tornando, uns dos outros, complementares; uns dos outros, dependentes; uns dos outros, sócios e parceiros. Essa, talvez, seja a grande tarefa que temos pela frente.

A presidenta Cristina fez um comentário que eu considero muito importante, na reunião extraordinária que tivemos hoje de manhã: ela disse que a gente tinha de aprender com a região que mais tinha avançado no desenvolvimento regional, que foi a Europa; tínhamos de aprender com os erros deles; tínhamos essa oportunidade histórica de aprender e olhar, com humildade, sem soberba, mas aprender como não fazer errado e como não transformar uma região em países mais desenvolvidos e menos desenvolvidos, em países com mais direitos e outros com menos direitos.

Acho que na reunião que tivemos em Lima e que, eu acredito, é um passo, uma mudança de patamar e de paradigma nas relações entre os países da América do Sul, a presidenta Cristina e eu assistimos a um momento histórico, que é o aumento da consciência a respeito da importância da nossa unidade para que nós possamos fazer face ao mundo e às condições deste mundo que vão, necessariamente, atingir todos os países.

Lá em Lima nós tivemos a oportunidade de cumprimentar o presidente eleito Ollanta Humala e, por proposta dele, fizemos uma reunião entre os vários países. Nessa reunião, nós tivemos uma proposta apresentada pelo nosso presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, no sentido de que nós devíamos tomar ações conjuntas e coletivas para fazer face a todos os percalços que essa conjuntura internacional – e aí eu não estou me referindo pura e simplesmente ao que vai acontecer ou não com o teto da dívida americana – eu estou falando da conjuntura, que implica necessariamente grandes fluxos de liquidez internacional, e implica também uma avalanche de produtos

manufaturados a procurar local para serem consumidos, uma vez que há uma grande estagnação ou redução da demanda nos países desenvolvidos.

Nesse sentido, essas ações conjuntas, elas são fundamentais e servirão necessariamente para dar passo a passo; ninguém está achando que amanhã nós teremos uma solução mágica para como construir essa relação entre nós, que seja uma relação que impeça que as perversidades decorrentes da crise nos atinjam, mas ela terá de ser uma ação concreta, uma relação que nós iremos tomar com muito cuidado, que nós iremos olhar todas as suas consequências e fazer com que nossos países se fortaleçam.

Eu tenho muito orgulho de, neste dia, estar recebendo aqui a presidenta Cristina Fernández de Kirchner. Primeiro porque eu aprendi, nesse período, a respeitar a capacidade de formulação da presidente Cristina Kirchner, a imensa capacidade de se solidarizar com os países latino-americanos e a forma generosa como ela encara as relações com todos os países do continente.

Por isso, eu tenho certeza de que juntas nós vamos trabalhar por causas nobres, que vão do desenvolvimento científico e tecnológico, passam pelas nossas políticas sociais. Mas passam, sobretudo, por esse compromisso que nós temos com o desenvolvimento dos nossos povos, da nossa população; passam por esse compromisso histórico com um mundo de pessoas mais iguais, nas quais todos tenham a sua oportunidade.

Eu tenho certeza de que nós podemos construir vários processos em comum. Lá se vão duas décadas em que construímos um modelo único de cooperação pela paz e a segurança, que foi a Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle. Naquela época, onde esta consciência da importância do nosso relacionamento não era ainda tão forte, como eu tenho certeza que é hoje entre os nossos governos, nossos setores empresariais que estão nos dois países e que são, por isso, muito bem-vindos, nossos meios acadêmicos. Temos de avançar ainda muito, mas eu acredito que nós temos hoje, a nosso favor, a certeza de que já realizamos muita coisa em conjunto.

E, aí, eu queria cumprimentar a Cristina e, ao cumprimentá-la, queria lembrar sempre que o nosso saudoso Néstor Kirchner foi responsável pela estruturação, pela institucionalização da Unasul; foi responsável pelo fato de que o Brasil e a Argentina – junto com o presidente Lula – superassem as pequenas rivalidades e dessem um passo em direção a um projeto maior.

Eu tenho certeza de que soluções duradouras para nós só vão ser alcançadas com mais negócios, mais investimento, mais promoção comercial conjunta e mais aprofundamento da nossa integração produtiva.

Nós precisamos que os interesses empresariais, de lado a lado, sejam fortalecidos. Daí a importância que o Brasil atribui ao Conselho de Empresários Brasil-Argentina. Cumprimento todos os empresários aqui presentes, nesse contexto.

Nós também precisamos continuar promovendo nossos valores e interesses compartilhados pelo mundo afora. Acredito que Brasil e Argentina têm responsabilidade de assegurar que as decisões de fóruns de governança, como o G-20 financeiro, reflitam a visão e os pontos de vista do conjunto da comunidade internacional. Não podemos, nos grupos de deliberação dos quais fazemos parte, reproduzir as assimetrias do passado.

Em todos os temas da agenda global, Argentina e Brasil continuarão a caminhar juntos, coordenando posições para seguir reafirmando no mundo o nosso compromisso com a democracia, com os direitos humanos, com a liberdade e com a justiça social. Nossas sociedades não esperam menos de nós. Como disse a presidente Cristina: “Não se pode fazer menos, quando já se fez mais”.

É com esse espírito que proponho um brinde em homenagem à Presidenta e à amizade que une brasileiros e argentinos.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Embaixada da República Argentina

A Presidenta Dilma participou da reinauguração da Embaixada da República Argentina no Brasil acompanhada da presidente do país, Cristina Kirchner

Brasília-DF, 29 de julho de 2011

Queria desejar boa tarde a todas as senhoras aqui presentes e a todos os senhores, dizer que é um momento muito especial para o Brasil a inauguração da Embaixada argentina aqui, neste momento.

Cumprimento a Cristina, presidenta da República e da Nação Argentina.

Quero também saudar o nosso ex-presidente da República, meu companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, no governo de quem tive a honra de participar e servir.

Quero saudar também o ministro das Relações Exteriores da Argentina, o senhor Héctor Timerman, em nome de quem saúdo os demais integrantes da comitiva que acompanha a senhora presidente Cristina Kirchner.

Queria saudar também o senhor Juan Pablo Lohlé, embaixador da República Argentina, por intermédio de quem cumprimento os demais embaixadores aqui presentes.

Cumprimentando as mulheres que integram os governos latino-americanos, gostaria de saudar a Débora Giorgi, ministra da Indústria da República Argentina,

Um cumprimento aos senhores da imprensa, senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Hoje nós tivemos um dia muito importante nas relações entre o Brasil e a Argentina. Eu recebi, aqui no Brasil, a presidenta Cristina Fernández de Kirchner, e tive com ela e sua comitiva uma discussão, uma conversa e o estabelecimento de um diálogo extremamente proveitoso. E essa cerimônia, eu acho que fecha com chave de ouro a visita da Presidenta aqui ao Brasil. A beleza da Embaixada e também o seu porte são compatíveis com a importância que o Brasil atribui às relações com a Argentina.

Hoje nós estamos concluindo uma obra que se iniciou por iniciativa do presidente Néstor Kirchner. Essa obra faz parte do legado que o presidente Kirchner e o presidente Lula deixaram para o Brasil e a Argentina, um legado em que nós mudamos o conceito das relações entre os nossos países, estabelecemos a cooperação, o entendimento, a ação conjunta como a regra, afastando todas as antigas e necessariamente indevidas propostas que

afastavam o Brasil da Argentina, deixavam o Brasil e a Argentina sem perspectivas de uma ação comum, transformavam as nossas relações em rusgas e desacertos, ou até em rivalidades.

Isso tem uma história muito longa. Começa quando, olhando para o porte de nossas economias e nações, os países dominantes tiveram o cuidado de nos afastar sistematicamente. Não só criaram bitolas diferentes nos nossos sistemas de transporte ferroviário como também criaram ciclos diferentes entre os nossos sistemas energéticos.

A evolução dos nossos países tem conduzido a que tenhamos clareza da importância estratégica, para os nossos países e para a região, das nossas relações. Foi um marco nessas relações o governo do presidente Lula e o do presidente Néstor Kirchner. Nós iremos aprofundá-la, com a consciência clara de que temos um papel a cumprir, porque optamos por uma nova estratégia de crescimento, em que as populações nos nossos países são as principais protagonistas.

Percebemos claramente que o desenvolvimento só é pleno quando inclui cada homem e cada mulher dos nossos países. E é isso que nos torna fortes e, como disse hoje a ministra Débora, grandes mercados apetecíveis para outros países. De fato, não só o Brasil e a Argentina, mas, se pensarmos América do Sul, somos mais de 400 milhões de homens e mulheres.

Hoje, inclusive, estávamos fazendo uma conta e nos demos, com clareza, outra conta. Presidente Lula, se somarmos as nossas reservas com as reservas argentinas, devemos ser o terceiro ou quarto detentor de reservas internacionais do mundo. Além disso, somos países com uma grande capacidade produtiva, os maiores produtores de alimentos, fomos beneficiados com recursos energéticos e minerais. Temos, se contarmos, toda a água doce da Amazônia e dos nossos rios, além dos aquíferos, uma proporção imensa das águas doces do mundo. Mas, sobretudo, temos a consciência hoje do que somos e do que podemos ser.

Nós demos passos muito importantes nos últimos oito anos. Tanto o Brasil como a Argentina mudaram, e isso significou que milhões e milhões de brasileiros, milhões e milhões de argentinos, milhões e milhões de colombianos, enfim, milhões e milhões de latino-americanos ascenderam à situação de consumidores, de trabalhadores, de produtores ativos e, portanto, por isso, de cidadãos.

Somos países democráticos. Temos a certeza de que a nossa cooperação – entre Brasil e Argentina – não é só decisiva para os nossos países, mas é decisiva também para a América do Sul e a América Latina.

Essa consciência da nossa importância, essa consciência da nossa autoestima, ela é fundamental para que tenhamos uma ação conjunta que não nos divida, só nos una. Hoje nós decidimos ampliar ainda mais a nossa integração, buscando a integração das nossas cadeias produtivas.

Ontem, ao participar da cerimônia de posse do ministro [presidente] Ollanta Humala, nós tivemos uma decisão muito importante, que eu gostaria de compartilhar com vocês. A ação conjunta, no plano internacional – nos moldes do que foi feito, ainda em 2009, pelos governos brasileiro e argentino – de defesa das nossas economias frente a este novo quadro internacional que aumenta, não só a liquidez dos nossos países provocando a desvalorização do dólar e a valorização artificial das nossas moedas, mas também a ampliação de uma forma descontrolada, também, da invasão de produtos, pelo fato de que o mundo não tem consumidores... o mundo desenvolvido não tem consumidores suficientes para dar conta dessa produção. Isso significa algo muito importante, que é a nossa capacidade de articulação.

Por isso, esta Embaixada, ela é um local especial: é o local da integração, é o local da unidade, é o local onde, aqui no Brasil, construiremos essa relação cada vez mais próxima.

Eu queria, finalizando, saudar e lembrar um grande companheiro, um grande companheiro das lutas pelo desenvolvimento e a justiça social aqui na América do Sul: o companheiro Néstor Kirchner. Ao homenageá-lo, tenho certeza de que um grande amigo dele, um amigo do coração, um amigo de comunhão de lutas, que é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deve também dizer algumas palavras, porque a luta dos dois desencadeou-se aqui, nesta região, e conduziu à construção de várias obras e também desta Embaixada.

Um abraço a todos. Bem-vindos todos os que integrarão, os funcionários argentinos que integrarão o estafe da Embaixada argentina no Brasil. Tenho certeza de que vocês farão um bom trabalho para brasileiros e argentinos, e para a nossa integração.

Obrigada.

Declaração à imprensa concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, em conjunto com a presidenta da Argentina, Cristina Kirchner

A declaração foi concedida no Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 29 de julho de 2011

Eu queria dar início dizendo que eu estou muito feliz de ter aqui hoje, no Brasil, a senhora presidente da Nação Argentina, Cristina Fernández de Kirchner.

Por isso, também, queria cumprimentar todas as senhoras e os senhores integrantes da delegação argentina e dizer que eles sejam muito bem-vindos. É sempre um momento especial quando nós recebemos visitas de um país amigo e irmão.

Queria cumprimentar, aqui, o ministro Patriota, ministro das Relações Exteriores; a ministra Gleisi; o ministro Fernando Pimentel; o ministro Aloizio Mercadante; o ministro das Relações... aliás, de Segurança Institucional, general Elito; a ministra das Relações Institucionais, Ideli Salvatti.

Em menos de 24 horas eu tive a oportunidade e a alegria de encontrar-me, mais uma vez, com a querida presidenta Cristina Fernández de Kirchner.

Ontem, em Lima, a Cristina e eu comparecemos à posse de um presidente, mais um presidente aqui na América do Sul, e um presidente que assume com um projeto de transformação do Peru, que muito nos mobiliza – o presidente Ollanta Humala –, uma vez que o que o presidente Ollanta Humala se comprometeu tem a ver com essa visão que nós temos, do desenvolvimento com inclusão social. Essa nova estratégia vencedora na nossa região – aqui na América do Sul –, que faz com que o crescimento econômico só seja um crescimento econômico sustentável porque ele trouxe para a cena – como consumidores, trabalhadores, produtores e cidadãos – milhões e milhões de sul-americanos.

Nós também estivemos juntas na reunião da Unasul. E em ambas as circunstâncias nós sentimos a força de uma região – que é a América do Sul – que cresce, que distribui renda, que inclui socialmente, que fortalece a sua democracia, que tem expressivas reservas de petróleo, que tem uma parte muito importante da reserva de água doce do mundo, uma região que tem recursos minerais, que tem uma das maiores produções de alimento do mundo, mas que tem, sobretudo, um grande bem, que são seus mais de 400 milhões de habitantes. Quatrocentos milhões de habitantes que, durante muito tempo, foram marginalizados e afastados do processo, e que hoje se transformam na maior riqueza que possuímos.

Quanta diferença em relação a outras partes do mundo, hoje dominadas pela recessão, pelo desemprego, pelo caos financeiro e fiscal e, sobretudo, pela imobilidade política na resolução dos desafios que têm pela frente.

Hoje eu recebo aqui, com muita honra, a Presidenta da Argentina em Brasília. Discutimos pela manhã os grandes problemas da economia global. Reiteramos nosso apoio à reunião de ministros da Fazenda, primeiro lá em Lima no dia 4, depois dos ministros da Fazenda e presidentes dos Bancos Centrais no dia 11 de agosto em Buenos Aires, para coordenar respostas do continente à situação de crise da economia global.

Nós devemos definir ações conjuntas e concretas para defender nossos países da excessiva liquidez que valoriza artificialmente nossas moedas e da avalanche de produtos manufaturados que, não encontrando mercado nos países desenvolvidos, atingem o emprego e a indústria nas nossas regiões.

Centramos também nossa atenção na evolução de nossas relações bilaterais. Nosso relacionamento tem experimentado grandes avanços, que queremos aprofundar.

A parceria entre nossos países conta com bases muito sólidas, inclusive econômicas. O dinamismo do comércio entre a Argentina e o Brasil é poderoso instrumento de integração. Em 2010, com quase US\$ 33 bilhões de intercâmbio, registramos recorde histórico. No primeiro semestre de 2011 o aumento no fluxo comercial é muito expressivo. A qualidade de nossas trocas bilaterais – 90% das quais correspondem a produtos industrializados – reflete seu caráter estratégico e seu potencial de irradiação de desenvolvimento.

Percebemos que é importante para o Brasil, para a Argentina e para toda a região que integremos, cada vez mais, nossos processos produtivos, de modo a incentivar o componente regional nas nossas cadeias.

Com uma integração dessa magnitude é impossível retroceder. Diante dela, os problemas que surgem aqui e ali, e que estamos resolvendo, são de pouca monta.

Nosso futuro comum passa por mais comércio, mais investimentos, maior aproximação de nossos empresários e incremento da integração entre nossas indústrias e cadeias produtivas. Para isso mesmo criamos o Conselho de Empresários Brasil-Argentina, que aproximará mais nossos setores privados.

Além da dimensão econômica, a diversidade de temas na agenda bilateral demonstra nossa verdadeira parceria estratégica. Nosso relacionamento com a Argentina possui uma amplitude que não temos com nenhum outro país. Por isso a Argentina foi, a partir da minha posse, o primeiro país que eu visitei.

Desde o meu último encontro lá na Argentina com a presidenta Kirchner, e depois, sucessivamente, em Lima e agora aqui em Brasília, tenho certeza de que cada vez mais alcançaremos avanços importantes em projetos que

contemplam a área de defesa, de cooperação espacial, de cooperação nuclear, entre outros.

É necessário sempre ir além. Em minha visita à Argentina, nós estabelecemos o desafio de construir uma nova relação entre Argentina e Brasil, centrada na constituição de uma agenda baseada em ciência e tecnologia e também em uma agenda cidadã.

No encontro que tivemos esta manhã, a Presidenta e eu identificamos oportunidades em várias áreas. Além das áreas sociais, precisamos converter em oportunidades também as características que temos. Não somos só produtores de alimentos, mas também somos produtores de tecnologia. Argentina e Brasil têm competência para atuar de forma muito profunda nessas áreas.

Presidenta Cristina,

Recebê-la aqui em Brasília me permite expressar o agradecimento pelo carinho com que fui acolhida, junto com minha delegação, em Buenos Aires, em janeiro deste ano.

A Presidenta da Argentina veio ao Brasil para inaugurar o novo prédio da embaixada de seu país em nossa capital federal. A qualidade das instalações e sua beleza são, sem dúvida, expressão do relacionamento privilegiado que nossos países mantêm.

Ocasões como esta sempre oferecem o ensejo de reiterar nossa solidariedade em relação à demanda do governo e do povo argentinos, de soberania sobre as Ilhas Malvinas.

Este é, finalmente, o bom momento para dizer à Presidente da Argentina que o relacionamento fraterno de nossos dois países deve em muito a esta figura extraordinária que foi nosso querido e saudoso Néstor Kirchner. Que seu exemplo siga inspirando todos aqueles que sonham com uma América do Sul próspera, soberana, livre e democrática.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de sorteio preliminar da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014

O sorteio, que definiu as chaves das eliminatórias do evento esportivo de 2014 no Brasil, contou com a participação de representantes das seleções que disputarão as 32 vagas na Copa. O evento aconteceu às 14h45 na Marina da Glória, no Rio de Janeiro (RJ)

Rio de Janeiro-RJ, 30 de julho de 2011

Senhor Joseph Blatter, presidente da Federação Internacional de Futebol,

Meu querido Pelé, embaixador honorário do Brasil para a Copa de 2014, e para sempre um craque inesquecível,

Senhor Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol,

Senhor Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, por meio de quem cumprimento todos os governadores aqui presentes,

Senhor Orlando Silva, ministro do Esporte, por meio de quem cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos das 12 cidades que sediarão os jogos da Copa 2014, Fifa,

Meus amigos e minhas amigas presentes ao sorteio das preliminares da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014,

O Brasil continua a ser identificado como o país do futebol e isso nos envaidece. Nós, brasileiras e brasileiros, amamos o futebol. Ganhamos cinco Copas do Mundo e aqui nasceram muitos dos maiores craques de todos os tempos, a começar pelo maior deles, o nosso querido Pelé, que fizemos questão de nomear Embaixador Honorário do Brasil para a Copa do Mundo Fifa 2014.

Mas o nosso povo tem muitos motivos de orgulho. Temos hoje uma economia estável e em crescimento. Nos últimos oito anos elevamos para a classe média 40 milhões de brasileiros. Somos um país que promove a inclusão social e que tem, na diversidade étnica, cultural e religiosa, uma de suas maiores riquezas e que convive respeitosamente com o meio ambiente. Por isso hoje o Brasil é admirado por muito mais que seu futebol, sua música e suas festas populares.

Convido os povos do mundo inteiro a conhecerem melhor o Brasil. E, os brasileiros, vocês encontrarão um país muito bem preparado para realizar a

Copa do Mundo, com toda a infraestrutura necessária, com eficiente sistema de transporte, com avançada tecnologia de comunicação e com muita segurança.

Estamos fazendo a nossa parte para que a Copa do Mundo de 2014 seja a melhor de todos os tempos. Estejam certos de que este novo Brasil estará pronto para encantar o mundo em 2014.

Os que nos derem o prazer de sua visita terão oportunidade de conhecer um povo alegre, generoso, solidário, que sabe receber a todos de maneira calorosa. Um povo que ama o futebol, mas que também ama a liberdade, a justiça social e a paz.

Neste primeiro evento da Copa do Mundo Fifa 2014 desejo boa sorte a todos os participantes e digo, desde já: sejam bem-vindos ao Brasil. O Brasil inteiro já está jogando junto para realizar uma Copa do Mundo inesquecível, e estaremos de braços abertos para receber todos com muito carinho na melhor e na maior festa do esporte mais popular do mundo.

Muito obrigada e boa sorte a todos.